

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

“O CONSERVAR DE UMA SIGNIFICAÇÃO”

**INVESTIGANDO E DIAGNOSTICANDO OS
PARÂMETROS AMBIENTAIS DA RESERVA
TÉCNICA DO MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA
BARONESA, PELOTAS/RS.**

Luciana Silveira Cardoso

Pelotas, 2010.

LUCIANA SILVEIRA CARDOSO

“O CONSERVAR DE UMA SIGNIFICAÇÃO”

**INVESTIGANDO E DIAGNOSTICANDO OS
PARÂMETROS AMBIENTAIS DA RESERVA
TÉCNICA DO MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA
BARONESA, PELOTAS/RS.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Diego Lemos Ribeiro
Co-Orientador: Jaime Mujica

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Carla Gastaud

Pro^o. Ddo. Diego Lemos Ribeiro (Orientador)

Pelotas, 2010.

Dedico esta monografia as mulheres da minha vida:

Zeli e Adriana

Que sempre foram, e serão eternamente, meu porto seguro.

Agradecimentos

- ∞ Em primeiro lugar, e não poderia ser diferente, agradeço a Deus. Pelo dom da vida, pelo ar que respiro, por todas as portas e janelas que Ele me abriu durante estes 23 anos;
- ∞ De todo o coração, agradeço aos professores e funcionários do Curso de Bacharelado em Museologia, afinal, sem o carinho e a dedicação de vocês certamente eu não estaria aqui. Todo o meu carinho a pessoa mais especial, Prof. Wilson Miranda, que foi um grande auxiliador em minha trajetória, e sem o qual este curso não existiria;
- ∞ Com imensa admiração agradeço aos Mestres (não por que possuem mestrado, mas porque são mais do que professores e dão mais do que aulas) Daniel Souza, Maria Letícia Mazzucchi, Nórís Leal, Pedro Sanches e Rogério Rosa, por terem me ensinado a pensar e a entender os Museus e a Museologia. Obrigada por cada oportunidade que vocês me deram. Serei eternamente grata a cada um de vocês;
- ∞ Agradeço, com todas as forças possíveis e inimagináveis, meu amigo, coordenador e, por tabela, orientador Diego Lemos Ribeiro. A você agradeço todos os chingamentos, cobranças e elogios que, com certeza, me doutrinaram. Estes dois anos de convivência me ensinaram o que é ser um profissional capaz.
- ∞ Ao meu Co-Orientador, Professor Jaime Mujica, só tenho que dizer muito obrigada, muito obrigada por me incentivar, por me dar aporte teórico e pessoal e além de tudo por acreditar e corroborar meu sonho.
- ∞ Aos meus queridos colegas de graduação obrigada por cada discussão, exposição, aula, fórum, palestra e tudo mais que passamos juntos. Com certeza absorvi um pouco de cada um e levarei vocês não só na memória, mas também no coração. Aos amigos, em ordem alfabética, Giovana, Letícia, Matheus, Maristela, Nathalia, Sandra e Vanessa todo carinho e admiração do mundo.
- ∞ A equipe do Museu Municipal Parque da Baronesa, obrigada pela recepção em 2007 e por todo o auxílio que me foi dado nestes três anos. A Annelise Montone, diretora do Museu, agradeço todas as oportunidades, carinho, respeito e dedicação. Obrigada por ter cuidado de mim como uma mãe.
- ∞ Por todo auxílio técnico, pelo empréstimo dos equipamentos e por todo o respeito e carinho com o qual fui tratada, agradeço imensamente o Curso de Conservação e Restauro,

nas pessoas do Prof. Roberto Heidein e de Ana Koga; e a Restauratus, na pessoa da Profª Andrea Bachettini;

- ∞ Agradeço imensamente a José do Nascimento Junior pela ótima e linda oportunidade de realizar estágio no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e ao Professor Mario Chagas que me emprestou sua casa por todo o período em que estive lá. Com certeza esta “maravilhosa” oportunidade só somou em minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Muito Obrigada, serei eternamente grata a vocês;
- ∞ Aos amigos cariocas Camyla, Mirian e Atoalba, muito obrigada por terem me acolhido com imenso carinho;
- ∞ A explosiva e pacienciosa Nathi, muito obrigada por todo o auxílio e tempo a mim dado nesta reta final; A meiga e protetadora, assim como eu, Sandrinha, obrigada por todas as madrugadas no MSN, por cada vez que leu minhas considerações e, sobretudo pela amizade incondicional;
- ∞ A Família Gruppelli, em sua totalidade, agradeço toda a receptividade e carinho com que fui aceita nesta casa e por esta família. Levarei vocês, com muito amor, no coração e na lembrança;
- ∞ Aos meus amigos da JUBRAC-PEL e aos meus afilhados Filipe e Rafaella, obrigada por entenderem e respeitarem todo este meu afastamento. Sem vocês não existo;
- ∞ A minha família: Zeli e Adriana (mãe e irmã) e aos nossos “filhos” Tainá, Rui Carlos, Maria Carolina, Yago e Giulli, agradeço cada sorriso, carinho e brincadeira. Agradeço o amor, da forma mais genuína, que recebo de vocês dia e noite. Obrigada por cada choro, conversa e correria que me distraíram muito ao escrever este TCC. A minha Tia Zenilda só tenho que dizer: Obrigada por ser minha segunda mãe, e ao meu Tio João: Obrigado por ser meu pai e estar sempre presente. Hoje escrevo este agradecimento pra vocês, pois só estou aqui por vocês. Sem dúvida nenhuma vocês são meu maior patrimônio.

"O meu amor eu guardo para os mais especiais.
Não sigo todas as regras da sociedade e às vezes ajo por impulso.
Erro, admito, aprendo, ensino.
Todos erram um dia: por descuido, inocência ou maldade.
Conservar algo que faça eu recordar (...)
seria o mesmo que admitir que eu pudesse esquecer (...)"
(William Shakespeare)

Resumo

CARDOSO, Luciana Silveira. **“O Conservar de uma Significação: Investigando e Diagnosticando os parâmetros ambientais da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas – RS”**. 2010. 85f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Na presente monografia investigaremos o ambiente da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, do ponto de vista da conservação de acervos musealizados, levando em conta as seguintes categorias de análise: parâmetros para Luz, Umidade e Temperatura. Este estudo está baseado nos conceitos de Reserva Técnica, Conservação, Análise Climática e Parâmetros Ambientais, construídos por intermédio de documentos, como: Laboratório de Ciência da Conservação, pelo Plano de Conservação Preventiva do Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal e em artigo publicado pela Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul. Ancorada em tais parâmetros, esta pesquisa objetiva lançar um olhar necessário sobre as necessidades e realidades museológicas de Pelotas, tendo como estudo de caso o Museu da Baronesa

Palavras-Chave: Museu Municipal Parque da Baronesa; Reserva Técnica; Conservação; Análise Climática; Diagnóstico.

Abstract

CARDOSO, Luciana Silveira. **“O Conservar de uma Significação: Investigando e Diagnosticando os parâmetros ambientais da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas – RS”**. 2010. 85f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

In this monograph will investigate the environment of the Technical Reserve Municipal Park Museum of the Baroness's point of view of conservation of the collections musealized, taking into account the following categories of analysis: Parameters for Light, Humidity and Temperature. This study is based on the concepts of Technical Reserve, Conservation, Climate Analysis and Environmental Parameters, constructed through documents such as: Laboratory of Conservation Science, Conservation Plan for Preventive Institute of Museums and Conservation Portugal and in an article published the School of Engineering, University of Rio Grande do Sul Anchored in such parameters, this research aims to cast a glance over the need needs and realities of Pelotas museum, taking as a case study of the Museum of the Baroness

Keywords: Municipal Museum Park Baroness; Technical Reserve; Conservation; Climate Analysis; Diagnosis.

Lista de Figuras

Figura 1: Gráfico 01: Número de Museus presenciais cadastrados por região.....	16
Figura 2: Tabela 01: Demonstrativa de Crescimento Quantitativo dos Museus Brasileiros....	16
Figura 3: Fotografia 01: Museu Municipal Parque da Baronesa.....	32
Figura 4: Planta 01: Planta Baixa do Museu da Baronesa.....	34
Figura 5: Planta 02: Planta Baixa da Reserva Técnica.....	35
Figura 6: Fotografia 02: Armazenamento do Acervo.....	35
Figura 7: Fotografia 03: Armazenamento do Acervo.....	35
Figura 8: Fotografia 04: Implementação da Reserva Técnica.....	37
Figura 9: Fotografia 05: Implementação da Reserva Técnica.....	37
Figura 10: Fotografia 06: Reserva Técnica atualmente.....	38
Figura 11: Fotografia 07: Reserva Técnica atualmente.....	39
Figura 12: Fotografia 08: Reserva Técnica atualmente.....	39
Figura 13: Planta 03: Planta do Terreno (Parque).....	41
Figura 14: Fotografia 09: Lago.....	41
Figura 15: Fotografia 10: Jardim Francês.....	41
Figura 16: Fotografia 11: Vegetação Nativa.....	42
Figura 17: Fotografia 12: Jardim Inglês.....	42
Figura 18: Fotografia 13: Jardim Oeste.....	42
Figura 19: Fotografia 14: Gruta.....	42
Figura 20: Tabela 02: Sensibilidade dos Materiais.....	49
Figura 21: Tabela 03: Períodos de Exposição.....	49
Figura 22: Gráfico 02: Carta Psicrométrica.....	51
Figura 23: Fotografia 15: Termohigrômetro.....	54
Figura 24: Fotografia 16: Luxímetro.....	54
Figura 25: Fotografia 17: Desumidificador 01.....	55
Figura 26: Fotografia 18: Desumidificador 02.....	55

Figura 27: Fotografia 19: Lâmpadas Econômicas.....	56
Figura 28: Fotografia 20: Localização 01 das lâmpadas.....	56
Figura 29: Fotografia 21: Localização 02 das lâmpadas.....	56
Figura 30: Planta 04: Planta Baixa da Reserva Técnica (loais de medição).....	58
Figura 31: Fotografia 22: Local 01, Interno.....	59
Figura 32: Fotografia 23: Local 02, Interno.....	59
Figura 33: Fotografia 24: Local 01, Externo.....	59
Figura: 34: Fotografia 25: Local 02, Externo.....	59
Figura 35: Tabela 04: Medições dia 09/04/2010.....	60
Figura 36: Gráfico 03: Temperatura Externa.....	61
Figura 37: Gráfico 04: Umidade Externa.....	61
Figura 38: Gráfico 05: Luminosidade Externa.....	61
Figura 39: Gráfico 06: Temperatura interna.....	62
Figura 40: Gráfico 07: Umidade Relativa interna.....	62
Figura 41: Gráfico 08: LUX interno.....	62
Figura 42: Gráfico 09: Temperatura interna.....	63
Figura 43: Gráfico 10: Umidade Relativa interna.....	63
Figura 44: Gráfico 11: LUX interno.....	63
Figura 45: Gráfico 12: Temperatura interna.....	64
Figura 46: Gráfico 13: Umidade Relativa interna.....	64
Figura 47: Gráfico 14: LUX interno.....	64
Figura 48: Gráfico 15: Temperatura interna.....	65
Figura 49: Gráfico 16: Umidade Relativa interna.....	65
Figura 50: Gráfico 17: LUX interno.....	65
Figura 51: Tabela 05: Medições 03/06/2010.....	66
Figura 52: Gráfico 18: Temperatura interna.....	67
Figura 53: Gráfico 19: Umidade Relativa interna.....	67
Figura 54: Gráfico 20: LUX interno.....	67
Figura 55: Gráfico 21: Temperatura interna.....	68

Figura 56: Gráfico 22: Umidade Relativa interna.....	68
Figura 57: Gráfico 23: LUX interno.....	68
Figura 58: Gráfico 24: Temperatura interna.....	69
Figura 59: Gráfico 25: Umidade Relativa interna.....	69
Figura 60: Gráfico 26: LUX interno.....	69
Figura 61: Gráfico 27: Temperatura interna.....	70
Figura 62: Gráfico 28: Umidade Relativa interna.....	70
Figura 63: Gráfico 29: LUX interno.....	70
Figura 64: Gráfico 30: Temperatura interna.....	71
Figura 65: Gráfico 31: Umidade Relativa interna.....	71
Figura 66: Gráfico 32: LUX interno.....	71

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: ...DESDE O ALÉM MAR, ATÉ A MODERNIDADE...	20
1.1 - Museu: de onde vêm, por que surge, o que contém e como permanece.....	20
1.2 - A cidade de Pelotas e o Museu da Baronesa.....	27
1.2.1 - Pelotas, contexto histórico e cultural.....	28
1.2.2 – A Família Antunes Maciel.....	30
1.2.3 – O Museu Municipal Parque da Baronesa.....	32
1.2.4 – A Reserva Técnica.....	33
1.2.5 – Localização Geográfica, Vegetação e Hidrografia.....	39
CAPÍTULO II: DA TEORIA À PRÁTICA.....	43
2.1 – Reserva Técnica e Conservação: caminhos que se cruzam.....	43
2.2 - Análise Climática e Parâmetros Ambientais: suas influências no meio.....	45
2.2.1 – Luz.....	48
2.2.2 - Temperatura e Umidade Relativa.....	50
2.3 - Trabalhando em Campo; Aplicando os Conceitos.....	53
2.3.1 – Materiais e Método.....	54
2.3.2 – Resultados.....	60
2.3.3 – Diagnóstico.....	72
Considerações Finais.....	74
Fontes primárias	76
Referências bibliográficas.....	78
Anexo 01: Registro do Imóvel	80
Anexo 02: Termo de Tombamento da Casa.....	80

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso brange a análise climatológica no ambiente da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB), tendo em vista que se faz necessário conhecer o ambiente no qual as coleções museológicas estão salvaguardadas, para que se executem os métodos de conservação mais adequados para o acervo.

O interesse pelo tema surgiu a partir do conhecimento empírico adquirido através de dois anos de estágio¹ na referida instituição. Durante tal período realizamos atividades em diversas áreas do museu e percebemos a necessidade de apurar se as modificações efetuadas no espaço da Reserva Técnica tinham sido eficazes, e para isto optou-se por reconhecer climatologicamente tal recinto. Visto que as oscilações climáticas agem diretamente na degradação dos acervos culturais tanto móveis quanto imóveis, bem como na salvaguarda do acervo, além do fato de o município de Pelotas ter clima subtropical², é importante discorrer sobre tal assunto para que conheçamos as reais influências destas ações sobre o acervo e assim aferirmos os parâmetros ambientais que implicam nos processos de degradação das coleções. A partir de tais apontamentos, e sobretudo através da análise climatológica constataremos como tais mudanças afetam o acervo.

A escolha do tema se deu por ser um assunto de ampla importância para os Museus, uma vez que todos os materiais se degradam pela ação de influências externas; como temperatura, umidade e iluminação, e por isso é importante que conheçamos e apliquemos parâmetros para preservar os objetos musealizados. Além do que, não podemos considerar um espaço museal sem a presença de um local adequado para salvaguarda de seu acervo não exposto.

Outro fator a ser considerado, em que se pesa a escolha do nosso objeto de pesquisa, é o caso de o Museu Municipal Parque da Baronesa ser uma das primeiras instituições

¹ Estágio voluntário realizado de Junho de 2007 à Maio de 2008, sendo a aluna neste mesmo mês contratada como estagiária pela Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de Pelotas.

² Uma característica típica do clima subtropical é a presença de quatro estações bem definidas e distribuição regular de chuva durante o ano: o verão é quente, com temperaturas em torno de 22°C e alta taxa de precipitação; no outono a precipitação é quase sempre provocada por tufões e furacões; no inverno a temperatura varia de 0 a 10°C e a taxa de precipitação também é alta, o que confere um inverno bastante úmido; a primavera possui chuvas regulares e temperaturas mais amenas. In: www.cpact.embrapa.br/agromet, em 13/05/2010.

museológicas pelotense a se adaptar aos parâmetros mínimos de conservação e, por isso, é a única instituição museal na cidade que possui um espaço destinado para uma Reserva Técnica.

A criação da Reserva Técnica foi iniciada por uma consultoria realizada em 2001, pela hoje docente do Curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas, Professora Nôris Mara Pacheco Martins Leal que, indicada pelo então diretor do Sistema Estadual de Museus³ – RS, José do Nascimento Junior, realizou um diagnóstico a respeito das condições do Museu da Baronesa. Segundo ela, tal proposta estava voltada para o núcleo expográfico da instituição, porém, no decorrer das atividades realizou-se um diagnóstico completo, ou seja, houve um levantamento da documentação museológica e também dos métodos de armazenamento do acervo. Torna-se necessário citar que este diagnóstico não foi efetuado como o previsto, e assim, em 2002, a assessora técnica optou por afastar-se do projeto.

Alguns anos depois e com a elaboração de um projeto de restauro da casa, houve uma retomada em alguns dos apontamentos do diagnóstico realizado em 2001. Neste momento elaborou-se um projeto direcionado às questões relacionadas à documentação museológica e à formulação de uma Reserva Técnica. Tal manifestação já tinha sido apontada em 2001, quando foi destinada a atual sala, nos fundos da casa, para armazenar⁴ o acervo não exposto. A partir de então se aprimorou o projeto e houve o envio do mesmo para o DEMU/IPHAN, apesar dos esforços neste primeiro momento não houve aprovação. Em seguida realizou-se o envio para a Caixa Econômica Federal, através do Edital de Fomento a Cultura, denominado: Caixa Adoção de Entidades Culturais, sendo no ano de 2006 finalmente contemplado, e assim iniciou-se o processo de revitalização.

Podemos considerar que hoje o Museu da Baronesa é uma referência, em termos de processo museológico, no tocante a Pelotas e, por conta disso, merece um estudo mais aprofundado sobre o tema, que poderá servir, também, como base para outras instituições. Além de, a partir de uma pesquisa pioneira no assunto em Pelotas e região, criar um espaço de

3 O Sistema Estadual de Museus do RS foi criado através do Decreto nº 33.791 de 22 de Janeiro de 1991, dividindo o Estado em sete regiões museológicas, o qual é composto por um coordenador geral, nomeado pelo Secretário Estadual da Cultura, e por sete coordenadores eleitos diretamente pelos representantes dos museus de cada região. In: Guia de Museus do Rio Grande do Sul/ Sistema Estadual de Museus da Secretária Estadual da Cultura RS – Porto Alegre: SEMRS, 2002 p. 4.

4 Usou-se armazenar, pois não podemos considerar tal espaço como Reserva Técnica, devido às formas de guarda dos objetos e a falta de preparo e estrutura.

reflexão interdisciplinar, onde possamos convergir os diferentes métodos, estudos e práticas em prol da preservação física e informacional de nossos acervos.

Considerando a escassez de estudos nesse sentido, em âmbito regional, temos como objetivo analisar as condições ambientais da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, de maneira a mapear as oscilações de iluminação, umidade e temperatura que incidem na conservação dos acervos ali salvaguardados, assim como visa diagnosticar quais são as influências das mesmas sobre os acervos.

Ao realizarmos as análises que nos proverão base para reconhecermos as reais influências sofridas pelo acervo, concomitantemente estaremos efetuando um diagnóstico das condições existentes e as possíveis alterações necessárias para uma adequação do espaço aos parâmetros de conservação e preservação do acervo. Este diagnóstico é relevante, pois auxilia o Museu a avaliar suas necessidades ambientais, identificar situações problemáticas e definir prioridades. E assim, a instituição poderá estabelecer um regime de manutenção do acervo e um programa de soluções sustentáveis e apropriadas para a mesma.

Através desta análise buscaremos corroborar, ou não, a hipótese que o espaço destinado a Reserva Técnica do Museu da Baronesa é instável e interfere na conservação dos acervos ali acondicionados.

Este estudo é justificado, pelo fato de que as instituições museológicas são vistas hoje como um espaço dinâmico, em suas diversas manifestações, capazes de interferir no mundo em que está inserido. Apesar disto, mantém suas diretrizes mais básicas e ancestrais, as tradicionais funções de reunir, preservar e divulgar suas coleções.

Esta afirmação é corroborada pelo índice de crescimento quantitativo das instituições museológicas que se tem visto nos últimos anos, assim como pela dimensão que os museus vêm incorporando no cenário político e social do país. Segundo o Diretor do Instituto Brasileiro de Museu, José do Nascimento Junior⁵, existe hoje 170 milhões de itens musealizados nas instituições brasileiras; de 2003 a 2007 o número de visitantes aumentou de 15 milhões para 27 milhões e a quantidade de museus cresceu 20% neste período, tornando o Brasil o sexto colocado no ranking das maiores redes de museus. Temos também os dados do

⁵ Entrevista concedida por José do Nascimento Junior ao **Jornal O Globo**, em 11 de Maio de 2009.

Cadastro Nacional de Museus⁶ que nos apresenta um total de 2.841 museus mapeados no Brasil até o mês de Março de 2010.



Figura 01 – Gráfico 01: Número de Museus presenciais mapeados por região

(Fonte: www1.museus.gov.br, em 24/05/2010)

Podemos perceber, também, o interesse da sociedade por salvaguardar sua memória, quando comparamos os estudos realizados ao longo dos anos que nos mostram o aumento significativo no número de instituições.

⁶ O Cadastro Nacional de Museus é um instrumento do Sistema Brasileiro de Museus criado com o objetivo de conhecer e integrar o universo museal brasileiro.

	FONTE / AUTOR	Nº DE MUSEUS
1953	TORRES, Heloisa Alberto. <u>Museums of Brasil</u> . Ministry of Foreign Affairs. Cultural Division. Publication Office. 1953. 82p.	169
1958	HOLLANDA, Guy de. <u>Recursos educativos dos Museus Brasileiros</u> . Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional e da Organização Nacional do ICOM (The International Council of Museums). 1958. 271p.	141
1972	ALMEIDA, Fernanda de Camargo e. 1939 - <u>Guia dos Museus do Brasil</u> : roteiros dos bens culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1972, 317p.	401
1978	CARRAZZONI, Maria Elisa (coord.) <u>Guia de Museus do Brasil</u> . 2ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1978. (Série Guias Culturais brasileiros; v.1)	380
1984	FERNANDES, Neuza; SANTOS, Fausto Henrique; MOURA, Fernando Menezes de. <u>Catálogo dos Museus do Brasil</u> . Associação Brasileira de Museologia. 1984. 50p.	898
1997	ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de (coord.). <u>Guia de Museus brasileiros</u> . São Paulo: USP. 1997. 352p.	756
2000	Universidade de São Paulo. Comissão de Patrimônio. Guia de Museus Brasileiros, Universidade de São Paulo - SP: ed. da USP. Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Uspiana - Brasil 500 anos). ISBN: 85-314-0572-6 (EDUSP). 498p.	501
desde Mar 2006	Sistema Brasileiro de Museus - Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN.	2.520

Figura 02 - Tabela 01: Demonstrativa de crescimento quantitativo dos Museus brasileiros

(Fonte: www1.museus.gov.br, em 24/05/2010)

Cada cidadão tem o direito de apresentar-se ao outro segundo suas próprias definições, isto reflete nas sociedades e na forma como as mesmas optam por mostrar sua cultura ao próximo. As sociedades têm a necessidade de preservar o que melhor as representa, e isto pode ser visto como uma “alegoria⁷”, ou seja, uma forma de auto-afirmação perante os demais

⁷ Simbolismo concreto que abrange o conjunto de toda uma narrativa.

povos, vindo ao encontro desta especificidade temos as iniciativas do Instituto Brasileiro de Museus, que, segundo Nascimento, esta trabalhando para atender o desejo de memória de comunidades que querem preservar seu patrimônio⁸.

Indo ao encontro da afirmação feita por LOUSADA *“Temos hoje uma questão que ultrapassa o plano acadêmico e se prende a questões reais, de caráter prático associado a problemas bem concretos”* (LOUSADA, 1993, pág. 29). Através de LOUSADA podemos perguntar: Porque conservar? A nosso ver, a conservação esta intimamente ligada à memória, ao conservarmos um objeto estamos preservando nossa memória e identidade, afinal conservar não é apenas manter sua integridade estética e material, mas também informacional. Portanto preservando a memória, mantemos a continuidade cultural de uma sociedade, cada um que o faz preserva a história de seu próprio passado, mantendo-a viva.

É importante, para compreensão do leitor, explanar sobre alguns conceitos importantes para este trabalho, como as considerações a respeito de Reserva Técnica. Segundo Froner, se ter um espaço destinado a Reserva Técnica é muito importante para as atividades que ocorrem nas instituições museológicas, isto porque além de ser a detentora da guarda permanente do acervo é considerado um lugar salubre, onde as informações, os processos técnicos como higienização, documentação e pesquisa acontecem; criada para salvaguardar o acervo, como também a história dos mesmos, que fica registrada através das informações obtidas, facilitando a comunicação dos objetos com o público visitante da instituição, através da exposição, e com o curador através da pesquisa.

As instituições museológicas adquirem para si uma imensa responsabilidade ao salvaguardar objetos importantes para a memória de uma sociedade, e para que tal atividade seja efetivamente realizada é necessário que se possua amplo conhecimento das atividades museológicas, gestão de acervos e condições climáticas e de degradação do acervo armazenado no Museu. Para isso, fundamentados na experiência da LACICOR⁹, é importante que se realize uma ação conhecida como: Análise Climatológica dos espaços da instituição. Tomaremos como base autores como Pearson, King e as diretrizes do Diagnóstico de Conservação do Laboratório de Ciência da Conservação (LACICOR), com a finalidade de, ao menos, neutralizar as ações de degradação do acervo museológico.

⁸ Entrevista concedida por José do Nascimento Junior ao **Jornal O Globo**, em 11 de Maio de 2009

⁹ Laboratório de Ciência da Conservação

Em termos de estrutura de redação, este trabalho será apresentado seguindo uma estrutura argumentativa partindo do geral ao específico, demonstrando como a estrutura organizacional das instituições que expõem objetos vem se alterando e conseqüentemente surge à necessidade de um conhecimento técnico e direcionado.

Utilizaremos como metodologia de investigação o estudo de caso, “...*consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento...*” (GIL, 2009, pág.54), pois através do mesmo iremos coletar, organizar e analisar os dados referentes ao nosso tema, para justificar, ou não, nossa hipótese.

Quanto à estrutura escrita, optamos por desenvolver dois capítulos e assim apresentar o tema mais detalhadamente.

O primeiro capítulo traçará a historicidade, contará como eram os espaços de salvaguarda dos objetos durante o Colecionismo passando pelas alterações que foram acarretadas pela Revolução Científica; como surgem os espaços de guarda do acervo não exposto, primeiramente chamados depósitos, até a implementação das Reservas Técnicas do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e do Museu Histórico Nacional. Neste capítulo apresentaremos também a cidade de Pelotas e o Museu Municipal Parque da Baronesa, falaremos da casa, da família, da importância de tal espaço pra a história de Pelotas e a localização geográfica da moradia dos Barões de Três Serros, e como isto influencia a estrutura da casa.

Nosso segundo capítulo tratará de assuntos voltados diretamente as questões climáticas e ambientais, neste espaço apresentaremos os conceitos de Conservação e Reserva Técnica, explanaremos sobre a importância da Análise Climática e como podemos realizá-la, apontaremos os parâmetros ambientais que vamos utilizar, explicando o porquê desta escolha e os valores considerados aceitáveis; descreveremos os resultados obtidos em nosso levantamento de dados além de discuti-los e apresentaremos o diagnóstico comparativo e de melhorias.

Buscamos, ao encerrar este Trabalho de Conclusão de Curso, responder os questionamentos acima citados.

CAPÍTULO I – ...DESDE O ALÉM MAR, ATÉ A MODERNIDADE....

Este capítulo apresentará uma síntese histórica, onde, no decorrer da escrita, traçaremos de forma linear os caminhos de formação dos Museus desde o Museion Grego até a implementação dos primeiros lugares, brasileiros, de salvaguarda do acervo não exposto, onde utilizaremos, para exemplificar nossa explanação, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e o Museu Histórico Nacional.

A partir de tal trajetória, indo do geral ao específico, situaremos o leitor no contexto histórico de formação da cidade de Pelotas e da implementação do Museu Municipal Parque da Baronesa, onde apresentaremos os mesmos em alusão ao olhar da sociedade que compunha os usos e costumes dos Séculos XVIII, XIX e XX, momento este em que o discurso museológico da instituição esta inserido.

1.1 – Museu: de onde vêm, por que surge, o que contém e como permanece.

*“Guardar... Guardar... Guardar!
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la em cofre,
não se guarda nada em cofre, perde-se a coisa a vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fita-la, mira-la por admirá-la,
isto é,
iluminá-la e ser por ela iluminado,
estar acordado por ela,
estar por ela ou ser por ela”
(Cícero de Almeida)*

A palavra museu origina-se na Grécia antiga. Museion denominava o templo das musas, estes, o qual se destinava a reunir coleções para a fruição dos homens, eram locais reservados á contemplação e aos estudos em geral, porém, ao longo da história a noção de museu foi se resignificando, ou seja, se tornando mais contemporânea. De acordo com Almeida, esta “história” dos museus esta ligada as questões dialéticas entre o objeto e o homem, uma vez que por medo de perder-mos as referencias, preservamos e refletimos a nossa existência nos mesmos (ALMEIDA, s.a, pág. 47).

Ainda segundo ALMEIDA:

E esta preocupação com a perda ou com o esquecimento está refletida na própria etimologia da palavra museu, termo derivado do grego Museion, nome de um templo em Atenas dedicado às Musas, que segundo a mitologia grega eram filhas de Zeus com Mnemosine, a deusa da memória. (ALMEIDA, pág. 47)

O Colecionismo pode ser alcunhado como um ato de colecionar artefatos que se assemelham em algum critério, aspecto ou tipologia, dos quais o colecionador possui grande apreço e identificação. As coleções de certa forma, transmitem o poder que o colecionador detém, sendo pelo grau de raridade, valor estético ou econômico incluso em cada peça. Essa aquisição de poder através do ato de colecionar é adquirida através do “ser visto”, da admiração de outras pessoas que não o próprio colecionador.

Segundo POMIAN:

... as coleções que, para os membros do meio intelectual e artístico, são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social, são para os detentores de poder insígnias da sua superioridade e também instrumentos que lhes permitem exercer uma dominação neste meio. (POMIAN, 1997, s.p)

No século XV o colecionismo tornou-se moda em toda a Europa, e ao longo dos séculos XV e XVI passou a ser mais enriquecido de objetos e obras de arte da antiguidade, e curiosidades financiadas pelas famílias dos nobres.

Nesse âmbito de colecionar, surgem por volta do século XV, com as grandes navegações, os Gabinetes de Curiosidades. Eram grandes salas que reuniam objetos oriundos do Novo Mundo, de inúmeras tipologias e exóticos, curiosidades naturais e artificiais, entre outros. De acordo com LUGLI (1998, s.p), eram organizados em dois grandes eixos: Mirabilia e Naturalia, onde o primeiro era composto de espécimes do reino animal, vegetal e mineral; enquanto o segundo abarcava objetos produzidos pela ação humana, antiguidades e artefatos exóticos que remetem a povos desconhecidos.

A partir do século XVI têm início à investigação dessas coleções, as coletas são organizadas por um critério de seleção, muito influenciados pelo espírito humanista e sua busca pelos “vestígios” da origem das civilizações. Segundo BRUNO:

... registraram com muita ênfase, a afirmação do colecionismo como um fenômeno resultante do interesse por uma cultura universal, humanística e

científica, e também da estupefação com uma ou outra humanidade, que emergiu das viagens e descobertas, com traços físico-culturais estranhos ao universo medieval europeu. (BRUNO, 1996, pág. 294)

A nosso ver, logo no surgimento das primeiras coleções e no decorrer dos Séculos XV e XVI, é possível observar que não existia ainda um critério claro para expor o acervo ou salvaguardá-lo, ficando explicitada a importância de mostrá-los.

Com o tempo tais coleções se especializaram e começaram a ser organizadas com critérios mais rígidos, estes que acompanhavam os progressos das concepções científicas nos séculos XVII e XVIII, passou-se a não tão somente saciar meras curiosidades, mas se voltou para a pesquisa e ciência pragmática e utilitária. Segundo ALEXANDER, em 1727 houve a primeira publicação que considera a classificação e organização das coleções. Realizado por Caspar F. Neickel, *Museographia* é um primeiro passo no sentido de arranjo dos espécimes. Neste livro o autor recomenda: a utilização de seis prateleiras dentro da sala; os objetos naturais deveriam ficar armazenados juntos com os de anatomia humana, incluindo esqueletos e múmias, na prateleira de cima deviam ser acondicionados os quadrúpedes, peixes, e minerais. Na outra parede ficariam os objetos feitos pelo homem, com as produções antigas e modernas separadas. A parte da sala em frente à entrada devia conter armários para moedas e os retratos de homens famosos ocupariam o espaço acima das prateleiras (ALEXANDER, 2008, págs. 55 e 56).

Podemos perceber então, a existência de dois importantes momentos na implantação das instituições museológicas européias.

O primeiro é o Iluminismo¹⁰ que lança uma nova forma de pensar o outro, tem a razão como instrumento de libertação do homem e busca inserir na sociedade a idéia do conhecimento compartilhado, (RIBEIRO, 2004, pág. 16). Compactuando deste mesmo pensamento surgem os primeiros museus, que são: o Ashmolean Museum, com acervo que pertencia à Família Médici e o Museu Britânico, este considerado o primeiro Museu público, porém só atendia aqueles que carregavam consigo uma bagagem cultural, se dedicava à coleta, conservação, pesquisa e informação. Neste período começa a surgir o pensamento preservacionista, onde o objeto não mais ficará exposto somente por ser exótico, mas sim pelas informações que se podem obter com o mesmo.

¹⁰ O Iluminismo é uma atitude geral de pensamento e de ação. Os iluministas admitiam que os seres humanos estão em condição de tornar este mundo um mundo melhor - mediante introspecção, livre exercício das capacidades humanas e do engajamento político-social. In: <http://www.brasilecola.com/historiag/iluminismo.htm>

O segundo momento é a Revolução Francesa¹¹ que traz consigo o pensamento de inovação, mudança e nova forma de ver a sociedade. Nos Museus e coleções há a aceitação de uma Política de Nacionalização, onde as coleções não poderiam mais ser desfeitas e as instituições seriam realmente abertas a todo o público, além do fato, de que, em tal momento histórico, foram desenvolvidos os primeiros métodos de inventário e gestão, surgindo então à decisão de que as instituições não poderiam mais se desfazer dos objetos adquiridos. Neste efervescer cultural é criado pelo parlamento francês o Museu do Louvre com a justificativa e função social de instruir o povo.

Segundo ALMEIDA:

Alguns séculos se passaram, no entanto, desde a formação dos precursores dos atuais museus, para que se alicerçassem esses conceitos indicados anteriormente. Nos seus primórdios, os museus apresentavam-se como espaços destinados a abrigar as coleções de objetos de arte, principalmente aquelas oriundas das realezas européias. O sucesso das revoluções burguesas do século XVIII detonou um processo de criação de instituições abertas ao público com o objetivo de expor os tesouros colecionados pelas elites do antigo regime... (ALMEIDA, pág. 47)

A experiência revolucionária da França foi decisiva para o estabelecimento do modelo contemporâneo de museu. Surge com ela a necessidade de preservar e conservar os bens da “Nação”, um termo que passa a designar uma unidade perante o Estado, com a idéia primordial de construir uma identidade nacional, estabelecer uma memória coletiva, na qual o povo sintasse inserido nessa história, podendo dividir a mesma língua, território, etnia, cultura e tradição. Além deste conceito, MILL acrescenta que os nacionalistas: *“desejam que seja um governo deles próprios, ou exclusivamente de uma porção deles”* (HOBSBAWM, 1917, pág.31). Os museus nacionais surgem com o intuito de transmitir a história dos vencedores, das guerras triunfantes e de sua cultura única no mundo, buscando assim, criar um “elo” identitário na população.

Seguindo tal vertente, e diferentemente dos Museus Europeus, os Museus Americanos surgem não como desbravadores de um mundo não conhecido, mas sim como forma de ostentar e expor suas riquezas.

O colecionismo americano e a montagem de exposições ocorrem para que se consiga isenção de taxas e impostos, e também para mostrar todas as riquezas existentes no país

¹¹ Movimento social e político ocorrido na França no final do século XVIII que teve por objetivo principal derrubar o Antigo Regime e instaurar um Estado democrático que representasse e assegurasse os direitos de todos os cidadãos. In: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/especial/home_rev_francesa.htm

(FRIEDMAN, 2002, pág.28). Este aspecto fica bem claro na formação do primeiro Museu americano, o Instituto Smithsonian, que tem a intenção de mostrar os aspectos práticos e comerciais do país, além de expandir e difundir o conhecimento entre os homens. Tal instituto foi o precursor na formação dos Museus americanos, que assumiram uma identidade mais voltada para o ensino da ciência e tecnologias do pós-guerra; adotando assim uma lógica de mercado que instiga o “conhecimento” e desenvolve o espetáculo.

Segundo COLEMAN:

Éstes contenía retratos de los grandes hombres de la revolución, fósiles y conchas, colecciones etnográficas y modelos de máquinas. La tendencia de asociar ciencia, técnica y arte se prolongará durante los siglos XIX y XX. (COLEMAN, 1939)

No Brasil temos a “Casa dos Pássaros”, considerado o primeiro museu brasileiro que continha em seu acervo animais taxidermizados, em sua maioria aves, por isso o nome. Foi extinta em 1810, mas a maior parte de sua coleção foi enviada para o Museu Real, que logo após se transformou em Museu Nacional.

“Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes, que muito desejo favorecer como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nessa Corte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear....”

(Decreto de Fundação do Museu Nacional. In: LOPES, 1993. pág. 40.)

Criado por D. João VI em 1818 e aberto ao público em 1821 na tentativa de trazer para o Brasil o modelo europeu de museu, é importante explicitar que sua coleção foi enriquecida com as doações de naturalistas, como: Natterer e Von Sellow (RIBEIRO, 2004, pág. 48). O estado passa a atuar como vetor das ações de preservação a partir dos anos 1920 e, especialmente nas décadas de 30, 40 e 50 do século XX.

Observa-se, porém uma mudança de paradigmas e se constitui um novo modo de ver o Museu, em meados de 1972 surge uma nova proposta para o campo museológico, é chamado de Nova Museologia e se expressa pública e internacionalmente na “Mesa Redonda

de Santiago do Chile”, organizada pelo Conselho Internacional de Museus¹². Este movimento afirma a função social do Museu e o caráter global das suas intervenções; em 1984 ocorre a Declaração de Quebec que traz Princípios de Base de uma Nova Museologia. A chamada Nova Museologia tem a intenção de estimular os museus a se afastarem de uma postura elitista, ou seja, busca tornar a ação museológica mais abrangente enfatizando a necessidade da interação entre o museu e a sociedade. Por isso não podem existir modelos, pois cada caso tem uma especificidade e devem seguir parâmetros próprios.

... contribuir para a transformação de uma realidade não dominada pela comunidade num recurso útil para seu desenvolvimento, tanto presente quanto futuro. (VARINE, s.a)

Em nosso entendimento, acompanhando todos estes avanços temos também as Reservas Técnicas. Este espaço tão importante para a salvaguarda do acervo que, nos dias atuais, é amplamente requisitado pelas instituições museológicas, até outrora não passava de um mero depósito. Durante muito tempo não se percebeu a necessidade de salvaguardar os acervos não expostos, esta vertente está ligada intimamente ao fato de que nos primórdios das coleções o importante era apresentar para todos os objetos que se possuía. Com o passar do tempo e as influências realizadas pelo Iluminismo e, sobretudo, pela Revolução Francesa este caráter foi modificado, e a carga informacional, assim como, a pesquisa que poderia se realizar nestas coleções passaram a ter local de destaque dentro das instituições, e não somente seus donos.

Porém, mesmo com esta mudança de postura, não observamos ainda a preocupação com o acervo não exposto, sendo este, algumas vezes, armazenado nos fundos dos museus, em locais insalubres e que só vinham a prejudicar a conservação dos mesmos. Por muitos anos o espaço destinado a Reserva Técnica não era o apropriado, sendo algumas vezes separado o pior espaço físico que a instituição continha para este fim, isto porque não se tinha, até o século XX, a real consciência da importância de tal espaço.

Na maioria dos museus, as coleções ocupam o espaço mais recôndito, aquele que ninguém quer, dado às suas péssimas condições de conforto ambiental. São tão esquecidas que um famoso arquiteto, ao projetar um museu-monumento em Brasília, que não se concretizou, não previu um espaço para elas. (PENHA, 1994, pág.29)

¹² O Conselho Internacional de Museus (ICOM) é uma organização internacional de museus e profissionais de museus, a quem está confiada à conservação, preservação e difusão do patrimônio mundial - cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial - para a sociedade.

Indo ao encontro desta afirmativa, temos o exemplo da formulação da Reserva Técnica de dois museus nacionais que, a nosso ver, são de grande valia para o campo museológico brasileiro: Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e Museu Histórico Nacional. É importante explicitar que os mesmos surgem com base em vertentes diferenciadas, sendo o primeiro baseado nos Gabinetes de Curiosidades, onde coleta-se de tudo um pouco e o segundo fundamentado nas questões nacionalistas, caracterizado pela maneira de instruir ou doutrinar a população (CARDOSO, 2003, págs. 187 e 188).

Segundo ZAMORANO, sobre o Museu Histórico Nacional.

É a valorização do passado como elemento formador e identificador do sentimento nacional. Enfim, um culto da saudade, bem como afirmou Gustavo Barroso. (ZAMORANO, 2006, pág. 209)

Mesmo tendo sido criado em 1922, praticamente 100 anos após a implementação do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, o Museu Histórico Nacional cria no ano de 1984 sua Reserva Técnica, que segue um processo de aprimoramento até 2004.

Segundo informações coletadas no site da instituição:

A Reserva Técnica abriga cerca de 17.000 itens, entre pinturas, esculturas, joalheria, prataria, porcelanas, vidros e cristais, objetos indígenas, indumentária civil e militar, brinquedos, instrumentos de escrita e mobiliário, entre outros objetos organizados por categoria de acervo e tipo de material.

Desde abril de 1984, o Museu Histórico Nacional possui espaço destinado à armazenagem do acervo museológico em condições adequadas, visando à conservação e à segurança de todas as peças ali guardadas. Naquela ocasião, foi inaugurado, de forma pioneira no Brasil, o primeiro núcleo de nossa Reserva Técnica, a RT 1, numa área de 500 metros quadrados. De fácil acesso - possibilitando o manuseio de peças de grande porte -, com condições favoráveis quanto à segurança, apresentando os melhores índices de climatização entre os vários pontos aferidos no prédio e com pé direito de cinco metros e meio, o local escolhido para a implantação da R. T. 1 foi extremamente importante.

A Reserva Técnica 2 foi destinada à guarda de mobiliário e a Sala de Higienização facilitou o rigoroso exame pelo qual passam as peças antes de seu armazenamento. Entre 2000 e 2001, a Reserva Técnica, com o apoio da VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social-, aprimorou seus espaços com a aquisição de um mezanino com 30 metros quadrados destinado à coleção de armaria, de cinquenta metros lineares de trainéis fixos para utilização diversa, de mobiliário de escritório, etc. A aquisição de computadores e de equipamentos para a sala de higienização em muito contribuíram para as atividades de documentação e conservação do acervo em reserva técnica¹³.

¹³ Dados retirados no site da instituição, www.museuhistoriconacional.com.br/reservatecnica, em 10/06/2010.

Em contra partida tem-se o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista que, mesmo sendo um espaço museal iniciado em 1821, e que originou, através de seu acervo, a iniciação de instituições museais como o Museu Emilio Goeldi e o Museu do Índio, iniciou o processo de criação de sua Reserva Técnica somente no ano de 1994.

A partir desta contextualização em nível mais amplo, nos dirigiremos ao caráter mais específico de nosso trabalho, ou seja, após explicitarmos ao leitor os conceitos, relevantes para esta escrita, sobre o **MUSEU: DE ONDE VÊM, POR QUE SURGE, O QUE CONTÉM E COMO PERMANECE**, passaremos aos apontamentos em teor local. Desta forma falaremos da cidade de Pelotas, do Museu da Baronesa e da Reserva Técnica desta instituição.

1.2 – A cidade de Pelotas e o Museu da Baronesa.

*“...e dessa arvore gigantesca que se chama Nação não há
quem não sinta que a raiz é o Torrão Natal!
... só do labor geral me glorifico. Por ser da minha Terra é
que sou nobre.”*
(Fernando Osório)

É importante esclarecer ao leitor que a trajetória histórica aqui traçada baseia-se, principalmente, nos textos: “Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 – 1890)” e “ História do Rio Grande do Sul (1626 – 1930)”.

1.2.1 – Pelotas, contexto histórico e cultural.

Para que se conheça Pelotas e o Museu da Baronesa, é importante que entendamos a base de sua formação histórica e as influências políticas e territoriais que caracterizam a Princesa do Sul.

Considerado o inicio da colonização de Pelotas, temos em 18 de Junho de 1758 o primeiro tratado de terra em nome do Coronel Tomás Luis Osório, que se torna dono de uma vasta região as margens do arroio Pelotas. Além desta família, têm-se outros importantes pioneiros: paulistas, cariocas e lagunenses que assim como os casais açorianos e os Trás – os

– Montes, “*tronco das principais famílias pelotenses*” fogem da Colônia de Sacramento em 1763, após a invasão espanhola (RHEINGANTZ, vol. II, pág. 09).

Em 1777 o Tratado de Santo Ildefonso devolveu o atual território gaúcho ao domínio português, a partir de então temos as primeiras concessões de sesmarias na região de Pelotas. Porém, é em 1779 que se têm o que podemos caracterizar de o grande propulsor do desenvolvimento local, vindo do Ceará, o retirante José Pinto Martins assume uma sesmaria a direita do Arroio Pelotas e nesta principia a construção de uma charqueada. Ainda, segundo MAGALHÃES:

O êxito desse empreendimento, justificado pela localização e pelos métodos empregados, haverá de estimular a criação de outras charqueadas, iniciando-se a exploração, em larga escala, da indústria saladeril no território rio-grandense. Esse exemplo, mais do que qualquer outro, será o responsável pela prosperidade de Pelotas em todo o desenrolar do século XIX. (MAGALHÃES, 1993)

Outro fato importante na história do município é seu rápido crescimento, corroborado pelo alvará de Dom João VI, datado de 7 de Julho de 1812, que cria a Freguesia de São Francisco de Paula. É importante explicar que o título de Freguesia não desvinculava administrativamente a mesma de Rio Grande, na realidade tal título era mais eclesiástico do que político. Mesmo assim, tal novidade influenciou positivamente o desenvolvimento urbano, visto que o Capitão Mor, Antonio Francisco dos Anjos, loteou suas terras e, com o auxílio do vigário, deu início a obra de criação da igreja matriz, em 1815 tem-se então as 19 ruas do novo agrupamento urbano.

Em 1832, com a Freguesia se projetando para as margens do São Gonçalo, a Senhora Mariana Eufrásia da Silveira, a exemplo do Capitão Mor, loteia seu terreno, acrescentando 22 novas ruas ao então plano urbano; é também em final de 1832 que há a efetiva emancipação da então Freguesia de São Francisco de Paula para a condição de Vila, tornando Pelotas não mais dependente de Rio Grande. A partir deste instala-se um novo centro urbano, a Praça da Redenção, atual Praça Coronel Pedro Osório, nela são construídos prédios destinados à administração pública, escola e teatro, além de algumas casas imponentes. Entendemos ser esta a explicação para o fato de Pelotas ser uma das poucas cidades do Brasil onde a igreja não esta localizada na praça principal.

Podemos dizer que a responsabilidade deste rápido desenvolvimento é principalmente das charqueadas, que foram influenciadas pelo pioneirismo de José Pinto Martins, afinal, pela primeira vez no Rio Grande do Sul, criou – se uma unidade empresarial com o objetivo de

produzir carne salgada tendo em vista o mercado consumidor, além de inaugurar uma indústria com capacidade de gerar concentração de renda além de organizar uma atividade empresarial que visava uma melhor valorização do gado abatido. É seguindo este impulso que em 27 de Junho de 1835 a então Vila ascende à condição de Cidade, a desde então Cidade de Pelotas.

Em síntese, Pelotas, nos primeiros 30 anos do século XIX, transforma-se de incipiente povoação em próspera cidade. Sede de um município de povoamento tardio – comparativamente a uns poucos municípios prósperos do Rio Grande de então -, desde logo assume posição como centro econômico da zona da Campanha, desenvolvendo uma atividade própria, quase que exclusiva, de fundamental importância para a organização da economia regional como um todo. (MAGALHÃES, 1993)

Tal trajetória histórica é marcada, assim como aos demais municípios gaúchos, pela Revolução Farroupilha¹⁴ (1835-1845), quando há uma interrupção no crescimento da cidade devido ao abandono¹⁵ do município pelos moradores. Data-se então de 1841 a retomada no desenvolvimento rural da cidade, indicada pela instalação da primeira fábrica de velas, colas e sabão as margens do arroio Pelotas, no meio urbano a retomada iniciou-se em meados de 1843 com a inauguração do Hotel Aliança e a fundação da primeira loja Maçônica. Desde tal momento observa-se então o grande desenvolvimento e opulência da cidade e de seus moradores, neste mesmo decênio tem-se a construção do Mercado Público, a instalação da iluminação a azeite, a construção da primeira ponte de pedra sobre o arroio Santa Bárbara, a fundação do primeiro hospital e da primeira farmácia. Na década de 1850 temos a implantação de uma cervejaria e quatro fábricas de chapéus (ISABELLE, s.a); mostrando-nos que tal década encerra-se mais aberta para o mundo exterior.

A década de 1860 é vista como o período em que Pelotas alcançou um patamar jamais visto na história de seu progresso econômico-urbano e sócio-cultural, as charqueadas continuam sendo o núcleo de maior circulação de dinheiro, a final está sendo estimulada pela concorrência platina, além da inclusão das estâncias do norte do estado como fornecedores de gado e o surgimento das indústrias complementares, que intensificam as operações de crédito

¹⁴ No início da década de 30, o governo aliou a cobrança de uma taxa extorsiva sobre o charque gaúcho a incentivos para a importação do charque do Prata, ao mesmo tempo aumentou a taxa de importação do sal, insumo básico para a fabricação do produto. Tudo isso causou grande revolta na elite rio-grandense.

¹⁵ Abandono influenciado pelas constantes tomadas e retomadas do poder pelos republicanos e federalistas.

e as transações bancárias, as charqueadas serão uma das redes mais lucrativas da Província até a República. Os charqueadores mantinham um padrão onde se demonstrava um refinamento nos hábitos e no espírito, o trabalho nas charqueadas era realizado entre novembro e abril, sendo assim, neste intervalo passaram a morar na cidade, enriquecendo-a e enriquecendo-se de uma vida social intensa. De forma alguma podemos afirmar que durante outros períodos não tenha havido desenvolvimento no município, porém a convergência dos fatos dentro de tal conjuntura histórica é capaz de configurar este verdadeiro apogeu.

1.2.2 – A Família Antunes Maciel

Foi por influencia deste contexto sócio – econômico – cultural, que a família Hartley de Brito vem a Pelotas abrir uma filial do Banco de Londres, do qual são sócios, temos então a formação de uma das principais famílias que compõem a elite pelotense do final do Século XIX e início do Século XX, os Hartley de Brito Antunes Maciel.

É em 1863 que o Coronel Aníbal Antunes Maciel compra o terreno, onde esta localizado atualmente o Museu Municipal Parque da Baronesa, reforma e amplia a casa que existia no local¹⁶ para presentear seu filho Aníbal Antunes Maciel, futuro Barão dos Três Serros. Um ano depois, em 1864, realiza-se o casamento de Amélia Hartley de Brito e Aníbal Antunes Maciel, o casal utilizava a Chácara somente no verão¹⁷, pois passavam o inverno no Rio de Janeiro, cidade natal da futura Baronesa dos Três Serros. O título de Barão é conquistado em 1884, após o charqueador Aníbal Antunes Maciel ter participado do ato que emancipou os escravos de Pelotas.

Aníbal e Amélia tiveram quatorze filhos, dos quais seis morreram muito jovens. Dentre os sobreviventes temos a filha mais velha dos Barões, Dona Sinhá, como era carinhosamente chamada, que casa-se com seu primo Lourival Antunes Maciel, os quais residem na casa a partir de 1889, ano em que a Baronesa dos Três Serros transfere-se definitivamente para o Rio de Janeiro, tendo em vista a morte do Barão em 1887. Sob a

¹⁶ Nesta época a arquitetura dos edifícios públicos e residências particulares da elite pelotense preocupavam-se em manter as regras e as analogias com a arquitetura clássica, através de adornos excessivos e introdução de elementos da Antigüidade. Por isso, a Chácara da Baronesa também apresenta estes elementos na forma de estátuas greco-romanas colocadas nas platibandas e nas características do Parque, que é um exemplo do gosto romântico.

¹⁷ Ficavam em Pelotas de Novembro a Maio, época da matança do gado nas Charqueadas, no Rio de Janeiro permaneciam entre Abril e Outubro.

administração deste casal a residência sofre algumas intervenções¹⁸ importantes, como: a troca do assoalho por piso hidráulico, a inserção dos azulejos europeus em alguns ambientes e a construção do Salão de Festas, fatores importantes para tornar a casa mais moderna e característica, internamente, do início do Século XX. A última moradora da Chácara foi Déa Antunes Maciel, filha de Dona Sinhá e Lourival, morou na casa até meados de 1970 quando transferiu-se para o Rio de Janeiro deixando a casa sob os cuidados de caseiros, tendo em vista que nenhum descendente da Baronesa aqui permaneceu.

¹⁸ Informações presentes em uma das cartas de Dona Sinhá a Baronesa dos Três Serros.

1.2.3 – O Museu Municipal Parque da Baronesa



Figura 03 – Fotografia 01: Museu Municipal Parque da Baronesa

(Fonte: Arquivo pessoal)

O Solar da Baronesa foi doado pela família Antunes Maciel a cidade de Pelotas em 1978, através de um convênio firmado com a prefeitura do município. O prédio, de 840m², passou por quatro anos de reformas, e o Museu foi então inaugurado em 25 de Abril de 1982, sendo tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico de Pelotas em 04 de julho de 1985. No parque, que hoje possui área de 6,2 hectares¹⁹ há, além do Solar de 1863, um sobrado no estilo bangalô americano, construído em 1935; uma casa de banho; uma gruta com pedras de quartzo incrustadas, um pequeno castelo; um jardim francês; um chafariz; um lago e extensa área verde.

O Museu está contextualizado no período do apogeu de Pelotas, e os objetos expostos mostram a forma de vida de uma elite que desenvolveu costumes muito próprios. No mesmo,

¹⁹ Anexo 01.

existem: móveis, vestimentas, acessórios de vestuário, objetos de uso cotidiano e de decoração, estes acervos representam um pouco da maneira de viver das famílias abastadas pelotenses, citadas anteriormente.

O acervo do Museu é composto de três coleções principais: a coleção de objetos doados pela família Antunes Maciel, e as coleções, em caráter de empréstimo, denominadas Adail Bento Costa e Antonia de Oliveira Sampaio, além de doações da comunidade.

A criação deste museu está vinculado a um amplo movimento iniciado na década de 70 e continuado em 80, quando houve, no Rio Grande do Sul, um aumento considerável das instituições museológicas ligadas a governos. Demonstrando assim o interesse de guardar e trazer a atualidade às memórias e as informações que até então estavam escondidas.

Porém é nos anos 2000 que temos, no Rio Grande do Sul, uma efervescência museológica, devido à retomada das atividades do Sistema Estadual de Museus. Uma nova coordenação assume o Sistema e volta a desenvolver um trabalho constante nas instituições, buscando alcançar os objetivos listados no regimento²⁰ do SEM/RS.

Durante este período, no Museu da Baronesa, houve uma proposta de desenvolver o trabalho por meio da coordenação do SEM²¹. Através de um Termo de Cooperação Técnica, assinado em dezembro de 2001, o SEM comprometeu-se em indicar um profissional, Nórís Mara Pacheco Martina Leal, para efetuar o diagnóstico da instituição e as soluções possíveis.

1.2.4 – A Reserva Técnica

Dentre os vários assuntos apresentados por este diagnóstico²², tem-se o apontamento da necessidade de que fosse criada uma Reserva Técnica, para que assim houvesse a possibilidade de os acervos, até então guardados dentro dos móveis que também compunham a coleção, fossem armazenados em local específico, fora de alcance do público e em condições mais apropriadas.

²⁰ Objetivos do regimento do SEM/RS: Estimular a articulação entre os museus; Visar o aprofundamento das instituições no Estado; Estabelecer parcerias entre os Museus para a realização de eventos; Desenvolver planos de assistência técnica; Promover atividades formativas e apoiar o desenvolvimento de projetos de financiamento.

²¹ A coordenação do Sistema Estadual de Museus era ocupada por José do Nascimento Junior.

²² Os itens que compunham a proposta de trabalho foram enviados à Secretária Municipal de Cultura, em nome de, então Secretária de Cultura, Renata Azevedo Requião em 07 de junho de 2001.

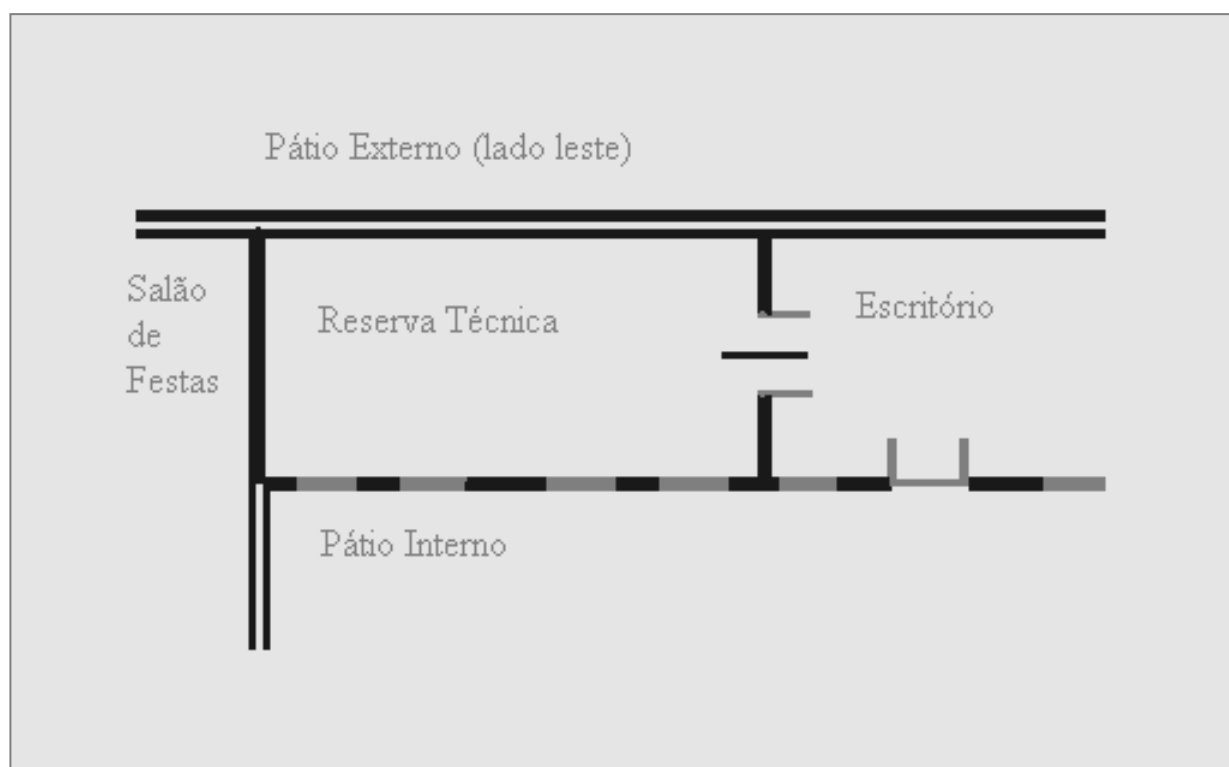


Figura 05 – Planta 02: Planta Baixa da Reserva Técnica

(Fonte: Arquivo pessoal)



Figura 06 - Fotografia 02: Armazenamento do Acervo.

(Fonte: Nóris Mara Pacheco Martins Leal)



Figura 07 – Fotografia 03: Armazenamento do Acervo.

(Fonte: Nóris Mara Pacheco Martins Leal)

Algum tempo depois, em uma nova discussão a respeito do andamento das atividades no Museu, houve uma retomada no diagnóstico realizado em 2001.

De acordo com LEAL:

Quando a Annelise assumiu não lembro exatamente como nos aproximamos novamente, e começamos a discutir ações para o museu, já estava sendo feito o projeto para restauro do prédio, então sugeri que pensássemos em atuar em uma outra área já que com o restauro do prédio a exposição não podia mais ser uma alternativa, pois acreditava-se que em breve teria que ser desmontada, pensamos errado, passado mais de cinco anos o projeto nem foi encaminhado para as leis de incentivo, então o outro ponto de grande risco e de maior urgência era a documentação do acervo e a reserva técnica. Inclusive a Annelise já tinha feito um primeiro orçamento dos armários deslizantes para colocar na reserva.²³

Em seguida, partindo do diagnóstico inicial, houve a elaboração do Projeto de Revitalização da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa, que foi enviado para o edital da Caixa Econômica Federal, alcunhado: Caixa Adoção de Entidades Culturais, onde foi contemplado com R\$ 73.354,00, utilizados para aquisição de:

- ❖ Arquivos deslizantes;
- ❖ 01 Desumidificador;
- ❖ 02 Computadores;
- ❖ 01 Scanner;
- ❖ 01 Impressora;
- ❖ Material de consumo, como TNT, algodão cru, manta acrílica, etc...
- ❖ Contratação de assessoria técnica;
- ❖ 02 estagiários pelo período de oito meses;

Com este apoio, conseguiu-se comprar mais alguns materiais, como:

- ❖ Máquina fotográfica;
- ❖ Estantes
- ❖ Armários metálicos, dentre outros.

A assessora técnica do projeto foi a, hoje docente do Curso de Bacharelado em Museologia, Professora Nóris Mara Pacheco Martins Leal que prestava assessoria nos finais de semana, devido a seu trabalho como Diretora do Museu Militar do Comando Militar do Sul. O andamento do projeto se deu através do trabalho de três estagiários do Curso de História, com o auxílio da então diretora e de um funcionário do Museu, e das alunas da Pós

²³ Entrevista realizada em 23 de Maio de 2010, por e-mail, com a Professora Nóris Mara Pacheco Martins Leal.

Graduação em Conservação de Artefatos Móveis, orientandas da Professora Francisca Ferreira Michelin. Segundo LEAL:

Bem a minha assessoria acontecia nos finais de semana e os meninos trabalhavam a partir de tarefas determinadas por mim que eram discutidas em reunião, depois mais no final do trabalho entraram os estagiários da museologia quando já tinham sido tirados dos armários e gavetas o acervo e acondicionados na reserva técnica e quando o trabalho de documentação já estava no meio, toda a parte de diagnóstico e arrolamento do acervo, e marcação provisória já estava pronto o trabalho não andou no prazo estipulado, pois o João não ajudou, boicotava o trabalho e os estagiários precisavam sair das suas atividades as quais tinham sido contratados para fazer guia de exposição, a Annelise os desviava das suas funções todo o tempo. Quanto a apoio teve da Francisca com as alunas do pós que ajudaram um pouco e só²⁴.



Figura 08 – Fotografia 04: Implementação da RT
(Fonte: Nóris Mara Pacheco Martins Leal)



Figura 09 – Fotografia 05: Implementação da RT
(Fonte: Nóris Mara Pacheco Martins Leal)

²⁴ Entrevista realizada em 23 de Maio de 2010, por e-mail, com a Professora Nóris Mara Pacheco Martins Leal.

Em 2007 para auxiliar no andamento do projeto, tem-se a inserção de três estagiários do Curso de Museologia, que em 2008 foram contratados pela Prefeitura de Pelotas e, com o fim do apoio financeiro da Caixa Econômica Federal e conseqüentemente saída dos estagiários do curso de História, assumiram o trabalho tanto técnico e específico, quanto de atendimento ao público.

Mesmo com o fim do Projeto de Revitalização da Reserva Técnica várias atividades ainda estavam em andamento, e durante estes dois anos se realizaram para que a Reserva Técnica se adequasse aos parâmetros mínimos de conservação, considerando os acervos ali existentes.



Figura 10 – Fotografia 06: Reserva Técnica atualmente
(Fonte: Arquivo pessoal da autora)



Figura 11 – Fotografia 07: Reserva Técnica atualmente
(Fonte: Arquivo pessoal)



Figura 12 – Fotografia 08: Reserva Técnica atualmente
(Fonte: Arquivo pessoal)

1.2.5 – Localização Geográfica, Vegetação e Hidrografia.

Os dados apresentados a seguir, estão de acordo com informações retiradas do site da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) de Pelotas, que atua na Região Sul efetuando análises relacionadas ao clima e influencias dos mesmos sobre o plantio na região.

Por estar situada numa planície próxima ao oceano, a área urbana de Pelotas situa-se em baixa altitude, com, em média, 7 metros acima do nível do mar. O Município pode ser dividido em duas grandes paisagens geomorfológicas²⁵: Região Oeste e Noroeste que fazem parte das Serras de Sudeste, com altitudes superiores a 200 metros e cerros de ondulações moderadas, e Região Leste e Sudeste, onde se localiza a área urbana municipal, inclui-se na Planície Costeira Gaúcha, sendo uma paisagem plana e baixa, com altitudes que diminuem em direção ao Canal São Gonçalo e à Lagoa dos Patos.

Quanto à vegetação, outra formação importante, que ocorre na forma de pequenos bosques e de forma bastante esparsa no município, por ter sido reduzida pela ocupação humana, é a floresta estacional semidecidual²⁶. Os arroios do Quilombo e das Caneleiras

²⁵ A Geomorfologia é uma ciência que estuda as formas de relevo, tomando por base as leis que determinam a gênese e a evolução dessas formas.

²⁶ A floresta estacional semidecidual constitui a vegetação típica do bioma da Mata Atlântica, estando condicionada pela dupla sazonalidade climática.

drenam o município de Pelotas, recebendo o nome de Arroio Pelotas quando suas águas se unem indo desaguar no Canal São Gonçalo.

Conforme o Plano Diretor do Município, o Museu da Baronesa esta localizado na Zona Leste da Cidade de Pelotas. Segundo MONTONE:

A vegetação do parque: predomina uma vegetação rasteira, gramíneas, havendo também a presença de diversas espécies de árvores e arbustos. Na área localizada nos fundos da casa existe um extenso bosque de eucaliptos (agora não sei dar uma área aproximada), essas árvores foram plantadas nas primeiras décadas do século XX.²⁷

Outro dado importante é o solo da cidade, segundo informações apresentadas em 1973, denominadas: *Compilação dos fatores do solo ou do terreno*, no município de Pelotas há lençol freático alto e drenagem do solo imperfeita, influenciando assim a textura do solo que é argiloso (FEPAM, 2001)

Segundo informações, obtidas com MONTONE:

O que se descobriu através de duas sondagens de 1m/1,20m, uma na circulação da casa próximo ao busto do barão, e outra no jardim dos fundos ao lado da sala de janta, foi que nessa profundidade o solo se apresenta como um lodo.²⁸

Sobre o espaço físico destinado à Reserva Técnica, este é parte da construção original da casa, 1863, e a propriedade esta localizada próxima ao São Gonçalo, ou seja, é via de escoamento da água.

²⁷ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2010 com a Diretora do Museu da Baronesa, Annelise Montone

²⁸ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2010 com a Diretora do Museu da Baronesa, Annelise Montone. O documento que comprova esta medição encontra-se na Secretária de Cultura do Município, estando indisponível tanto para a pesquisadora, quanto para a Diretora da instituição.

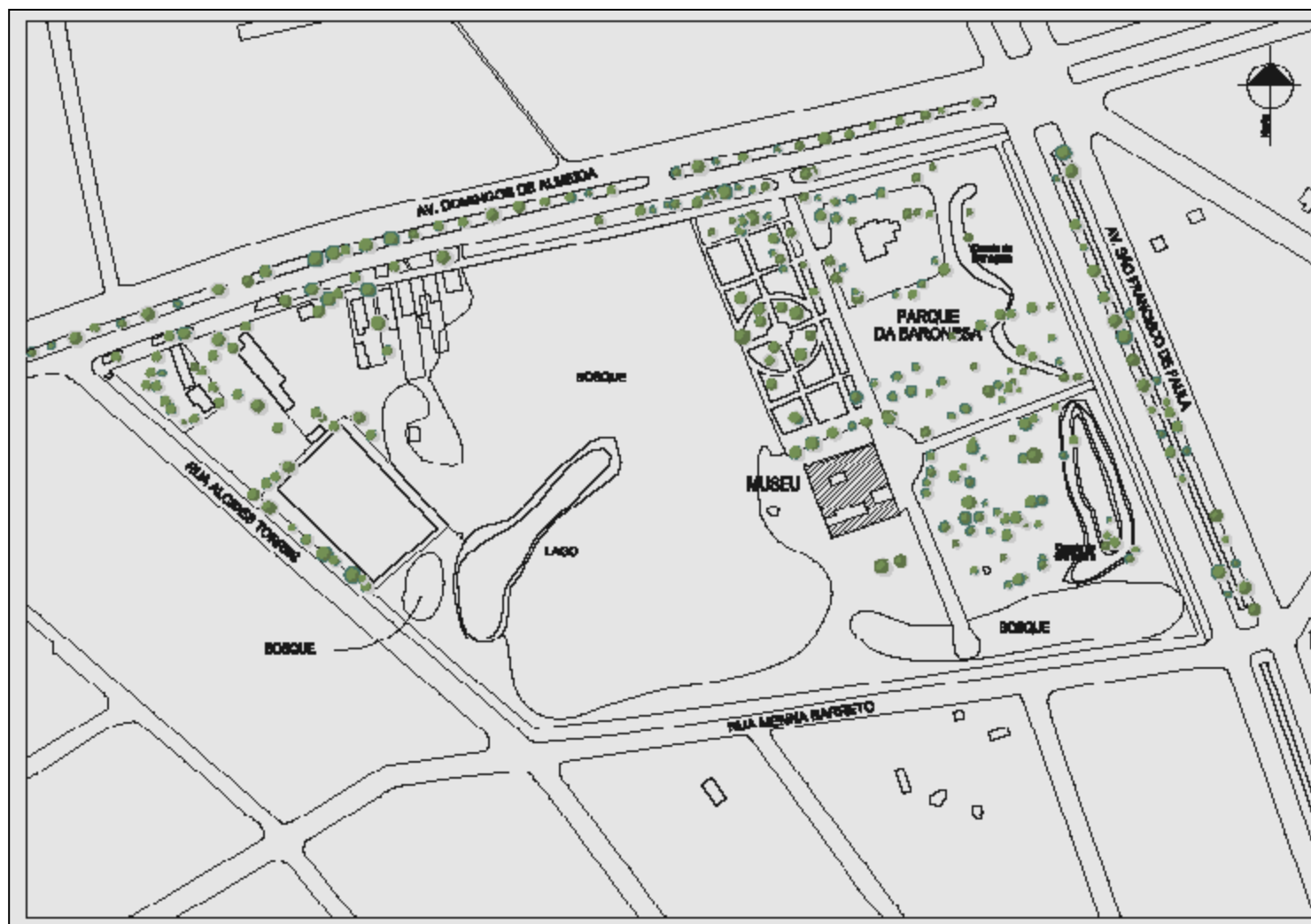


Figura 13 – Planta 03: Planta do Terreno (Parque)
(Fonte: Documentação Administrativa do Museu da Baronesa)



Figura 14 – Fotografia 09: Lago
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 15 – Fotografia 10: Jardim Francês
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 16 – Fotografia 11: Vegetação Nativa
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 17 – Fotografia 12: Jardim Inglês
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 18 – Fotografia 13: Jardim Oeste
(Fonte: Acervo pessoal)

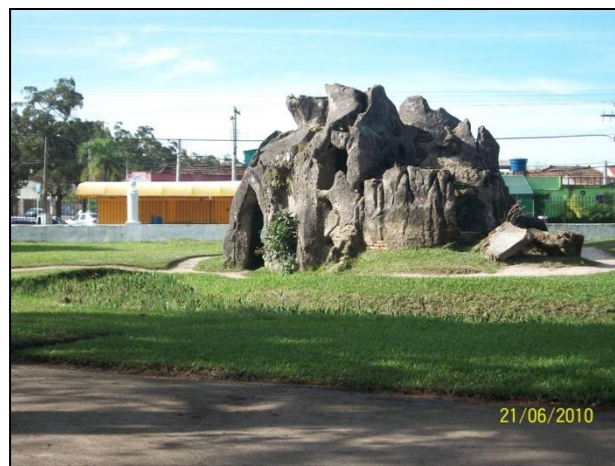


Figura 19 – Fotografia 14: Gruta
(Fonte: Acervo pessoal)

No próximo capítulo trataremos especificamente das questões relacionadas às análises climáticas e aos parâmetros ambientais, direcionando nosso olhar à Reserva Técnica do Museu da Baronesa e apontando os resultados obtidos com as medições, para assim efetuar nosso diagnóstico.

CAPÍTULO I I – DA TEORIA À PRÁTICA.

Como indicado pelo título, este capítulo caminhará entre as teorias e as práticas relacionadas à conservação de acervos musealizados e ao ambiente de uma Reserva Técnica. Discorreremos, no primeiro momento, sobre a importância e as diretrizes para a implementação e manutenção deste espaço de salvaguarda do acervo não exposto, complementando esta exposição com alguns conceitos relacionados à conservação de acervos e a postura dos profissionais perante os mesmos. Em um segundo momento, apresentaremos a importância da Análise Climática e os Parâmetros Ambientais com os quais trabalhamos e, com base nos mesmos, realizaremos nossa análise na Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa.

2.1 – Reserva Técnica e Conservação: caminhos que se cruzam.

Existe um ditado popular que diz: *“Para uma pessoa ser completa necessita de três coisas: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro”*. Parece ambíguo, mas estas três necessidades nos remetem à intenção de continuidade, e esta observação nos leva, de alguma forma, a preservar as coisas. Então, percebe-se que preservar é tão importante quanto o pensamento de processo, afinal, parece existir um ciclo onde o passado é parte da nossa história, do nosso aprendizado e do desenvolvimento do homem.

Ao nos referirmos às questões de conservação em museus, podemos direcionar nossa análise a duas vertentes, dentro da instituição: Exposição Museológica e Reserva Técnica. A nosso ver, ambas importantes, senão fundamentais, para a existência de um acervo possível de ser visualizado e pesquisado.

Para os fins da nossa pesquisa, voltaremos o nosso olhar para a Reserva Técnica, e a forma como a mesma influencia a conservação dos acervos musealizados. A nosso ver torna-se importante, para a compreensão do leitor, elucidar o que é uma Reserva Técnica e o que vem a ser a conservação de acervos.

Utilizando os preceitos de FRONER, conceituamos Reserva Técnica como um espaço físico que se destina ao acondicionamento seguro do acervo, ficando este disponível à pesquisa ou às práticas museológicas quando requisitado. (FRONER, 2008, pág. 4)

Segundo YACY-ARA FRONER:

De um modo geral, acervos devem ser guardados separados dos artigos que não pertencem às coleções, como por exemplo: acessórios de exposições, caixas ou materiais de embalagem, ferramentas, equipamentos, mobiliário, réplicas e demais objetos que não tenham um valor institucional de acervo. A preparação de vitrinas para exposição, o emolduramento ou instalação de obras em suporte, a preparação de objetos para viagem, assim como atividades de consulta, marcação de tombamento, testes científico, restauração ou seleção museográfica não devem acontecer nesse mesmo espaço. (FRONER, 2008, pág. 4).

Antes de tudo, a decisão em relação ao espaço destinado à Reserva Técnica deve ser prioritária na instituição, pois esta tem como objetivo fundamental a preservação dos acervos destinados à pesquisa ou exposição. O planejamento desse espaço deve estar atento para: isolamento em relação ao público e aos laboratórios de pesquisas; distante de áreas de passagem, como corredores; imune a problemas relacionados à inundação; em local estável e com material construtivo de qualidade e, finalmente, para o volume e a tipologia do acervo destinado ao espaço (FRONER, 2008, pág. 6).

Concordando com FRONER, HILBERRY afirma que:

Os itens que devem ser considerados para o desenvolvimento do projeto incluem a definição da localização da área de Reserva em relação ao edifício, especialmente em relação ao uso do acervo e outras funções estruturais; as necessidades ambientais dos vários materiais existentes nas coleções; as dimensões (materiais e quantitativas) do acervo destinado à sala; a estimativa de crescimento das coleções; o layout dos mobiliários e fatores relacionados à saúde e segurança. (HILBERRY, 1995, p. 103).

Entendemos que todos estes cuidados na elaboração de uma Reserva Técnica são fundamentais para salvaguardar os acervos ali acondicionados, através da manutenção de sua integridade estrutural e informacional. Nas áreas de Reserva Técnica, a prática dos princípios e das descobertas relacionadas com a conservação é indispensável à preservação dos acervos. O planejamento, o projeto, a ocupação, o monitoramento, a manutenção e o uso desta área devem ser vistos de modo que se compreenda toda sua complexidade (FRONER, 2008, pág. 22).

A conservação se relaciona não apenas com a degradação dos artefatos em si, mas também com todo o processo relacionado a esta deterioração – luz, umidade, temperatura, poluição, ataque biológico –, além de questões importantes como a política de manejo de

coleções, que envolve: o manuseio, embalagem, acondicionamento, transporte e segurança de maneira geral.

Segundo MUJICA:

Conservação é o conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação dos objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos...²⁹ (MUJICA, 2009, s.p.)

Indo ao encontro de FRONER e MATERO, entendemos que a conservação, além das técnicas de manutenção que se aplicam diretamente aos objetos, tem o dever de orientar suas atividades para a preservação do patrimônio material de forma informacional, racional e conceitual. De acordo com FRANK MATERO:

A Conservação emerge como uma disciplina híbrida, dedicada à salvaguarda do patrimônio cultural, observando e analisando a transformação, deterioração e manutenção da cultura material; conduzindo investigações para determinar a causa, o efeito e a solução de problemas; e direcionando intervenções curativas e preventivas focadas na manutenção da integridade e da qualidade de documentação histórica, seu uso e suas associações (MATERO, 2001).

O treinamento do pessoal e a criação de protocolos de vistorias periódicas de monitoramento (clima, pragas, poluentes), bem como regras de manuseio e transporte das peças, são fundamentais para o controle da Reserva Técnica. Podemos afirmar então, que uma das atividades do responsável pela mesma é a aplicação dos métodos de controle ambiental, sejam estes complexos ou simples.

2.2 – Análise Climática e Parâmetros Ambientais: suas influências no meio.

Com relação ao clima, Pearson nos alerta que *“Para os acervos de museus, o melhor ambiente é aquele que é estável”* (PEARSON, 2001, pág. 35), ou seja, o ambiente “ótimo” para os acervos musealizados não é aquele “fresco”, diferente do que se acredita. Algumas instituições que possuem sistema de refrigeração, para diminuir os gastos, costumam desligar tais aparelhos à noite, esta ação pode causar oscilações significativas de temperatura e umidade e assim prejudicar consideravelmente a conservação dos artefatos armazenados neste espaço.

²⁹ Conceito apresentado na cadeira de Ambiente e Conservação do curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas, no segundo semestre do ano de 2009.

É importante que se esclareça que, quanto mais elevada à temperatura e o teor de umidade do ar, mais rápida é a deterioração dos materiais. Isto por que, os acervos são mais bem conservados quando o nível de umidade relativa está entre 40% e 70% (PEARSON, 2001, pág. 36). Seguindo as diretrizes do Plano de Conservação Preventiva do Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal, entendemos que na implementação de uma estratégia de controle ambiental, o objetivo é providenciar condições que impeçam valores extremos e rápidas oscilações de temperatura e umidade relativa. Essas oscilações nunca devem ser superiores a 10% em 24 horas.

COLIN PEARSON, referindo-se a experiências, enfatizou:

A refrigeração do ar é de instalação e manutenção muito caras e, a menos que se utilizem equipamentos de alta qualidade (e, portanto, de alto preço), o ar refrigerado freqüentemente causa mais prejuízos do que a sua ausência. Infelizmente, costuma-se afirmar que sem ar condicionado os acervos de museus, galerias, bibliotecas e arquivos deterioram-se rapidamente. Não é verdade. É mais importante ter um ambiente estável do que níveis específicos de temperatura e umidade relativa, e isso pode ser conseguido através de projetos criteriosos de construção. (PEARSON, 1988, s.p.)

A nosso ver, existe uma necessidade de que promova o uso de controle ambiental, nas instituições museais. Segundo KING, muitos conhecimentos a respeito do mesmo já são notórios, e algumas atitudes já têm sido tomadas, como: a distribuição física dos espaços menos vulneráveis nas instituições e o uso de controles locais apropriados. Porém é importante que se faça mais. (KING, 2001, pág. 62)

A definição de controle ambiental, para fins de conservação, se expressa convencionalmente, como: à manutenção da luz, da temperatura e da umidade relativa dentro de certos parâmetros (PEARSON e KING, 2001, pág. 50), além de outras influências que, no que se refere ao recorte elencado para o nosso trabalho, não serão consideradas.

Não existem soluções gerais. Cada espaço apresenta diferentes variáveis, que devem ser avaliadas antes de estabelecer valores normativos de temperatura e umidade relativa, como: tipo de clima; estado de conservação dos materiais das coleções; estado de conservação do local que abriga estas coleções; capacidade dos equipamentos de controle ambiental para manter as condições estabelecidas e recursos humanos e financeiros disponíveis (IMCP³⁰).

Assegurar um ambiente estável, onde os valores definidos resultam de um compromisso estabelecido entre os requisitos específicos dos objetos em Reserva, pode ser

³⁰ Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal.

conseguido através de procedimentos de controle ambiental ativo ou passivo. Deve - se dar prioridade a recursos e métodos passivos³¹, optando por métodos ativos³² apenas se necessário.

Se for preciso recorrer aos métodos ativos, estes devem ser projetados corretamente, face aos volumes de acervo a tratar, ao tipo de local (exposição, reserva ou outro) e à disponibilidade orçamental que cada instituição possui para a sua implementação, utilização e manutenção.

Entendemos que os dados obtidos são fundamentais para programar estratégias que melhorem as condições do meio, e para verificar se as mesmas se desenvolvem corretamente. Isto é importante, pois minimizam as degradações das coleções, deteriorações estas que reduzem as informações e o valor intrínseco e extrínseco dos bens culturais.

Segundo MUJICA³³ (2009), os fatores de degradação do acervo podem ser: Físicos – Luz, Temperatura e Umidade; Mecânicos – armazenamento, acondicionamento, manuseio e desastres; Químicos – gases poluentes, material particulado e substâncias químicas; e Biológicos – microorganismos, insetos, aracnídeos e vertebrados. Apontaremos na sequência os fatores físicos de degradação, ressaltando que os mesmos são de suma importância para este trabalho.

Indo ao encontro do que foi dito acima, VIOLETA CHEANIAUX esclarece:

O conhecimento da relação existente entre o acervo e o meio ambiente passa a ser o fator essencial para que o museólogo desenvolva suas atuações tendo em vista as agressões provenientes da iluminação, umidade e temperatura não controladas. (CHEANIAUX, 1994, pág. 54)

Apresentaremos a seguir os fatores de degradação físicos e seus valores aceitáveis e recomendáveis.

³¹ Chamamos passivas as atividades de manutenção e acompanhamento diário.

³² Chamamos ativas as atividades que envolvem mudanças estruturais no espaço e na forma de tratamento com os artefatos.

³³ Conceito apresentado na cadeira de Ambiente e Conservação do curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas, no segundo semestre do ano de 2009.

2.2.1 – Luz:

Sabendo que a degradação causada pela luz é cumulativa e irreversível, ressaltamos que cada museu deve definir os níveis de exposição à luz para cada tipo de bem cultural, tendo em conta o seu estado de conservação e os valores máximos recomendados de iluminação.

Segundo o Plano de Conservação Preventiva, para medir a intensidade de luz, utiliza-se o Lux (lúmen por metro quadrado – $\mu\text{lm}/\text{m}^2$). E as radiações podem ser U.V e I.V, onde a primeira por ser de menor comprimento é mais energética e conseqüentemente mais destrutiva; enquanto a segunda é responsável pela transmissão de calor e aceleração dos processos de degradação, pois auxilia no aumento da temperatura superficial. Em cada tipo de acervo a iluminação deverá respeitar os valores limite de Lux recomendados e, sempre que possível, utilizar valores inferiores.

Considerando os materiais que constituem o acervo podemos caracterizá-los, segundo a sensibilidade a luz, da seguinte forma: (COSTA, 2006, pág. 50)

Materiais extremamente sensíveis: papéis, desenhos, aquarelas, pastéis, livros, pinturas, fotografias, couros tingidos, peles, encadernações, têxteis, tapeçarias, tecidos, indumentárias, plumas e penas, espécimes de história natural.

Intensidade de iluminação: entre 5 a 50 Lúmens (indicações para peças em bom estado de conservação).

Materiais sensíveis: madeira pintada, pinturas a óleo ou têmpera, couro natural, chifre, laca.

Intensidade de iluminação: variando entre 150 a 300 Lúmens (indicações para peças em bom estado de conservação).

Materiais pouco sensíveis: pedras, cerâmicas, metais e ligas.

Intensidade de Iluminação: superior a 300 Lúmens (indicações para peças em bom estado de conservação).

O Conselho Internacional de Museus indica valores máximos recomendados de exposição à luz e radiação U.V considerando uma exposição diária de 7 horas:

Sensibilidade - Materiais	LUX (lm/m ²)	U.V (w/lm)
Muito Sensíveis	<50	<30
Sensíveis	<200	<75
Pouco Sensíveis	<300	<75

Figura 20 - Tabela 02: Sensibilidade dos Materiais
(Fonte: Conselho Internacional de Museus)

O ICOM apresenta também, outra tabela onde se estabelecem valores e períodos de exposição anual, para materiais com diferentes sensibilidades à luz:

Sensibilidade	Intensidade de Luz	Tempo Recomendado	Intensidade máxima de exposição à luz/ano
Muito Sensível	50 lux	250 h/ano	12500 lux/ano
Sensível	200 lux	3000 h/ano	600000 lux/ano
Pouco Sensível	300 lux	-	-

Figura 21 - Tabela 03: Períodos de Exposição
(Fonte: Conselho Internacional de Museus)

É possível utilizar-se da lei da reciprocidade, expondo, por exemplo, determinados objetos sensíveis à luz a valores de intensidade de iluminação inferior ao recomendado, o que permite aumentar o período de exposição.

Quando nos referimos às lâmpadas utilizadas em museus, podemos considerar o Plano de Conservação Preventiva que apresenta:

As lâmpadas com tecnologia de LED de luz branca são outra fonte de luz artificial que começa gradualmente a ser utilizada em museus. Apresentam algumas vantagens muito interessantes: possuem, em média, uma duração entre 10 anos (ligadas 24 horas por dia) e 30 anos (ligadas 10 horas por dia); as emissões de radiação U.V e I.V são extremamente baixas; reduzem consideravelmente o consumo energético, pois são lâmpadas de muito baixo consumo e reduzem custos de substituição de lâmpadas e de serviços de manutenção associados. (PCP³⁴, pág.100)

³⁴ Programa de Conservação Preventiva.

Recorrendo a aparelhos de medição, o monitoramento dos níveis de iluminação deve ser efetuado durante a primeira colocação, e em cada substituição de lâmpadas ou filtros, com a intenção de garantir que sejam respeitados os valores inicialmente definidos, em conformidade com o tipo de coleções a iluminar.

Direcionando nosso olhar às Reservas Técnicas, observamos que as mesmas não podem ser iluminadas com luz natural e devem ser mantidas na escuridão, sempre que possível. Quando se fizer necessário trabalhar na mesma, pode-se utilizar iluminação localizada para que os restantes espaços permaneçam na obscuridade.

Sobre os interruptores, idealmente, devem localizar-se junto às entradas e saídas, de forma a evitar que se circule na reserva às escuras. Quando são implementados sistemas com temporizador, deve-se projetá-los de forma a que a luz se desligue apenas quando já não se encontrar ninguém no interior da reserva. A circulação numa reserva mal iluminada pode pôr em risco a integridade física dos objetos e de quem a utiliza.

A colocação das lâmpadas e a posição relativa aos objetos têm de ser cuidadosamente planeadas – sendo o ideal que a iluminação seja colocada nos corredores – de maneira que não fique por cima das estantes. Deve-se evitar, também, que objetos muito sensíveis à luz fiquem armazenados em zonas próximas de lâmpadas e por isso sujeitos à ação das radiações da luz.

2.2.2 – Temperatura e Umidade Relativa:

A monitoração da temperatura e da umidade relativa é essencial para conhecermos as condições ambientais ao longo do tempo em uma Reserva Técnica, em uma sala de exposições ou em outro local. Tal tarefa ajuda a determinar se um dado espaço apresenta valores de temperatura e umidade relativa apropriados para a colocação do acervo sem apresentar flutuações indesejadas. Os dados obtidos são fundamentais para implementar estratégias que melhorem as condições e para verificar se as mesmas se desenvolvem corretamente.

É importante sinalizar que não temos como eliminar todas as causas de deterioração do acervo sem que venhamos a restringir o acesso aos mesmos, e é por este motivo que atuamos no ambiente, a final com esta ação buscamos minimizar as alterações estruturais dos artefatos.

Concordando com OGDEN, conservadora do Instituto de Ottawa, afirmamos que a temperatura é o catalisador das reações químicas nos acervos. Em regra geral estabelece-se que a cada variação de 10°C, as reações químicas nos artefatos dobram de velocidade. Já a umidade relativa é a capacidade do ar de segurar a umidade, e tal umidade é proveniente de água acrescentada no ambiente. (OGDEN, 2001, pág. 23) Optamos por apresentar estes parâmetros em um mesmo momento, pois estão diretamente relacionados. A final, a umidade depende da temperatura, pois com as variações de temperatura existe uma migração da água do ambiente para os artefatos ou de um artefato para outro, esta migração busca equipará a umidade do ambiente a do artefato. Didaticamente a relação se dá da seguinte forma: com a temperatura baixa a umidade vai para o objeto, se a temperatura sobe o objeto perde água. (OGDEN, 2001)

Esta relação entre umidade e temperatura pode ser exemplificada pela Figura 22, a mesma nos apresenta a Carta Psicrométrica.

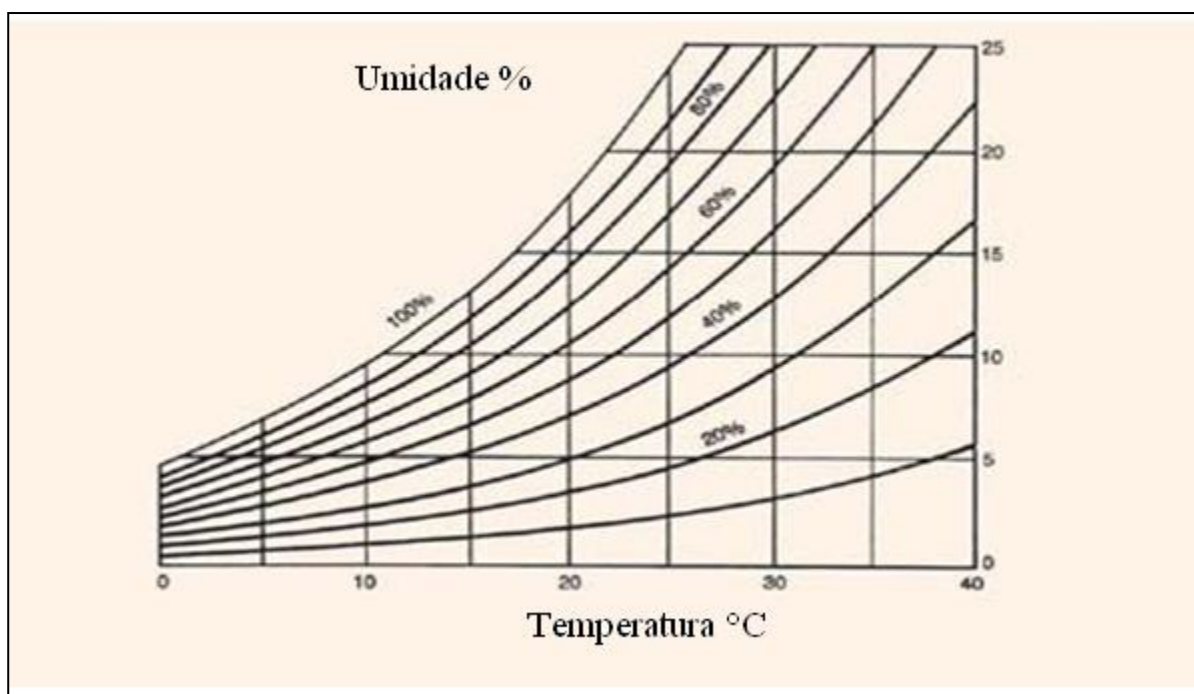


Figura 22 - Gráfico 02: Carta Psicrométrica

(Fonte: Plano de Conservação Preventiva, 2007)

Segundo PEARSON:

As oscilações externas de qualquer uma delas podem exercer sobre os objetos uma pressão significativa, cujos resultados podem ser destrutivos. (PEARSON, 2001, pág. 35)

COSTA (2006) afirma que o excesso ou a falta de umidade podem provocar:

Excesso: entortamento de painéis de madeira e marfim; amolecimento das colas; azulamento e embaçamento dos vernizes; formação de mofo e bactérias; apodrecimento de telas e madeiras; corrosão dos metais.

Falta: rachaduras das madeiras, marfins e encadernações; substâncias adesivas se tornam quebradiças; as fibras arrebentam.

A faixa ótima de umidade está estipulada entre 45% e 65%, tais limites foram delimitados, pois abaixo de 45% os materiais orgânicos começam a sofrer prejuízos e acima de 65% existe a proliferação de mofo e bolores. Já a temperatura está estipulada entre 19°C e 22°C, a fim de que a relação TxUR seja estável e adequada à umidade determinada. (CRADDOCK, 2001, pág. 69)

Podem existir várias fontes de umidade na instituição, por exemplo: umidade exterior; chuva; massas de água próximas; umidade no solo e paredes; inundações; respiração e transpiração humanas; ciclos de condensação e evaporação. Todas estas influências devem ser conhecidas e administradas, para uma melhor conservação dos acervos. Segundo o Plano de Conservação Preventiva, existem também, algumas práticas que se podem adotar para controlar de forma passiva a temperatura e a umidade relativa:

- limitar o número de pessoas num determinado espaço (exposição ou reserva técnica);
- evitar colocar objetos na proximidade de focos de luz intensa, janelas, portas ou paredes exteriores e em zonas de correntes de ar;
- impedir o aumento de temperatura provocado pela entrada de luz solar direta, colocando persianas ou filtros nas janelas;
- controlar a umidade relativa em pequenos volumes de ar, criando microambientes, recorrendo, por exemplo, a sílica gel;
- colocar os bens culturais em caixas, armários, expositores ou cobri-los recorrendo, por exemplo, a tecidos em algodão ou a películas em polietileno;

- manter portas e janelas fechadas e devidamente calafetadas.

Todos estes fatores, tanto individuais, quanto somados, são grandes fontes de degradação do acervo, por isso devem ser conhecidos e monitorados, como também, se possível, extintos do ambiente de guarda do acervo museológico.

Ao realizarmos as análises que nos darão base para reconhecermos as reais influências sofrida pelo acervo, concomitantemente estaremos efetuando um diagnóstico das condições existentes e as possíveis alterações necessárias para uma adequação da Reserva Técnica aos parâmetros de conservação e preservação do acervo. Este diagnóstico é importante, pois auxilia o museu a avaliar suas necessidades ambientais, identificar situações problemáticas e definir prioridades, bem como estabelecer um regime de manutenção e programar soluções sustentáveis e apropriadas.

...a essência de um diagnóstico bem sucedido é um processo através do qual condições, fatores causais e riscos são caracterizados e priorizados. Esta caracterização, ou definição do problema, é seguida pela avaliação das estratégias de gestão ambiental existentes no museu e possíveis recomendações de novas estratégias destinadas a aumentar ou substituir as existentes sempre que apropriado. (Diagnóstico de Conservação)

Visto o que os “manuais” nos dizem sobre as ações, verificaremos agora como estas ações estão (ou não estão) sendo utilizadas no cotidiano do nosso objeto de estudo

2.3 – Trabalhando em Campo; Aplicando os conceitos.

Além da observação efetuada no decorrer de três anos de estágio, nossa análise se baseou, principalmente, em duas medições em diferentes momentos, o primeiro no início do Outono e o segundo no final do mesmo, isto porque, através desta pesquisa temos o intuito de conhecer as variações ambientais no ambiente destinado a Reserva Técnica do Museu da Baronesa. Nessas análises, tivemos como suporte um método pré-determinado pela equipe³⁵, que se baseou na Ficha de Diagnóstico da LACICOR, no Plano de Conservação Preventiva do Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal e em artigo publicado pela Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul. Optou-se pela construção de um método que melhor atendesse à nossa realidade museológica regional tanto do ponto de vista institucional, quanto de recorte epistemológico de pesquisa. Utilizou-se, para a análise realizada no Museu da Baronesa – Pelotas (RS), um Termohigrômetro e um Luxímetro, como

³⁵ Denominamos equipe: a pesquisadora, seu orientador e co-orientador.

aparelhos de medição, e verificou-se o funcionamento de dois Desumidificadores, dois Ventiladores de Teto e quatro Lâmpadas Fluorescentes, do tipo econômicas.

2.3.1 – Materiais e Método:

Como citado anteriormente foram utilizados, para efetuar as medidas, um Luxímetro e um Termohigrômetro. O primeiro é utilizado para medir a iluminação, o modelo utilizado foi um instrumento digital portátil, com tela de cristal líquido (LCD), que realizou as medidas da iluminação ambiente em Lux na faixa de 1 a 50.000 Lux³⁶. O segundo é utilizado para medir umidade e temperatura, o modelo utilizado foi um instrumento digital portátil, com medida de temperatura interna e externa, três leituras simultâneas, indicação de horas, registro de máximo e mínimo e precisão básica de 1°C e 5% UR. Realiza medidas de temperatura interna (ambiente onde se encontra o mesmo) de 0°C a 50°C, temperatura externa (sensor possui cabo de extensão) de -50°C a 70°C e umidade relativa interna de 20% a 90%³⁷.



Figura 23 – Fotografia 15 : Termohigrômetro

(Fonte: www.solostocks.com.br)



Figura 24 – Fotografia 16: Luxímetro

(Fonte: www.ufrj.br)

Também utilizamos dois Desumidificadores, dois Ventiladores de Teto e quatro Lâmpadas. Tais equipamentos foram utilizados com o intuito de que observássemos sua eficácia, ou não, em relação ao macroclima da Reserva Técnica do MMPB.

Os Desumidificadores, mesmo sendo de modelos diferentes, comportam a mesma quantia de água (1litro), e suas funções de uso são as mesmas, um moto-ventilador movimenta o ar ambiente, que contém o vapor de água, através do aparelho, fazendo com que

³⁶ Informações técnicas obtidas no Manual de Instruções do equipamento.

³⁷ Informações técnicas obtidas no Manual de Instruções do equipamento.

esse ar entre em contato com uma área refrigerada (serpentina), no ponto de orvalho, provocando condensação desse vapor, esse vapor passará do estado gasoso para o estado líquido, formando gotas de água, que por gravidade cairão dentro de um recipiente que depois de cheio deverá a água do mesmo ser descartada. O ar seco (entre 40%-60% de umidade relativa) é relançado ao ambiente, aproximadamente á temperatura original³⁸.



Figura 25 – Fotografia 17: Desumidificador 01

(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 26 – Fotografia 18: Desumidificador 02

(Fonte: Acervo pessoal)

As Lâmpadas foram utilizadas com a intenção de que medíssemos a quantidade de Lux emitido e a significância deste resultado para o acervo ali armazenado.

³⁸ Informações técnicas obtidas no Manual de Instruções do equipamento.



Figura 27 – Fotografia 19: Lâmpadas Econômicas

(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 28 – Fotografia 20: Localização 1 das lâmpadas

(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 29 – Fotografia 21: Localização 2 das lâmpadas

(Fonte: Acervo pessoal)

Os Ventiladores de Teto não influenciam diretamente as medidas efetuadas, caso fossem ser aferidos os microorganismos presentes em tal espaço este equipamento seria de grande valia, tendo em vista que, no caso do MMPB, é o único circulador de ar do ambiente - falaremos disso a seguir.

A título de esclarecimento, duas medições foram realizadas sendo a primeira dia 09 de Abril de 2010 e a segunda dia 03 de Junho de 2010, as similaridades apontadas é o fato de ambas terem sido realizadas no Outono³⁹.

Na primeira medição, 09 de Abril de 2010, tínhamos, segundo a Central de Meteorologia da RBS, *“um dia com massa de ar seca, sol e temperaturas amenas. A temperatura mínima aferida foi 13,6°C, e a máxima 18°C”*; e na segunda medição, 03 de Junho de 2010, tínhamos *“uma frente fria trazendo chuva, além de ventos que sopravam do mar e que mantinham as chuvas alternadas com períodos de melhora. A temperatura mínima aferida foi 8,2°C⁴⁰, e a máxima 19°C”*

As medições foram realizadas seguindo um método previamente pensado e que satisfaria nossos questionamentos.

Na primeira análise, realizada por volta das oito da manhã, aferimos, em um primeiro momento, os resultados de UR, T e Lux encontrados no espaço externo, após, por estar a Reserva Técnica já desligada desde o dia anterior, efetuamos as leituras das variáveis acima citadas, num primeiro momento no Local 1 e após no Local 2. Assim que tais leituras foram encerradas, ligamos todos os equipamentos pertencentes a Reserva Técnica, desumidificadores, ventiladores e lâmpadas, deixando os mesmos ligados por um período de 5 minutos, para que estabilizassem, e efetuando as leituras novamente, na mesma ordem acima citada.

Os equipamentos ficaram ligados até as 13 horas quando, seguindo a mesma ordem citada anteriormente, medimos novamente o ambiente da Reserva Técnica. Diferentemente das 08 horas, mediu-se primeiro os resultados com os equipamentos ligados, houve então o desligamento dos mesmos de então 5 minutos, novamente para estabilização, de tempo para as medidas do espaço com todos os equipamentos desligados.

Tais equipamentos permaneceram desligados até as 18 horas, quando efetuamos as medições, de acordo com as citadas no horário das 08 horas, ligamos novamente os equipamentos, aguardando 5 minutos, e medindo as variações.

³⁹ Por ser uma fase de transição entre o verão e o inverno, o outono apresenta características de ambas as estações: redução de chuvas, mudanças bruscas no tempo, nevoeiros em algumas regiões, entre outras. Os índices pluviométricos durante o Outono variam geralmente entre 150 a 400 mm. Em virtude da entrada de frentes frias, as temperaturas no país são mais amenas nessa estação; as mínimas variam entre 12°C a 18°C e as máximas oscilam entre 18°C e 28°C. Entre outras características do outono, podemos citar a diminuição da umidade do ar. In: <http://www.brasilecola.com/geografia/outono.htm>

⁴⁰ In: <http://wp.clicrbs.com.br/centraldemeteorologiadarbs>, acessado em 18/06/2010.

É importante frisar, que durante todo este período a Reserva Técnica manteve-se com a porta fechada e as janelas cobertas, como é de costume. Não havendo assim nenhum tipo de interferência externa nas medidas.

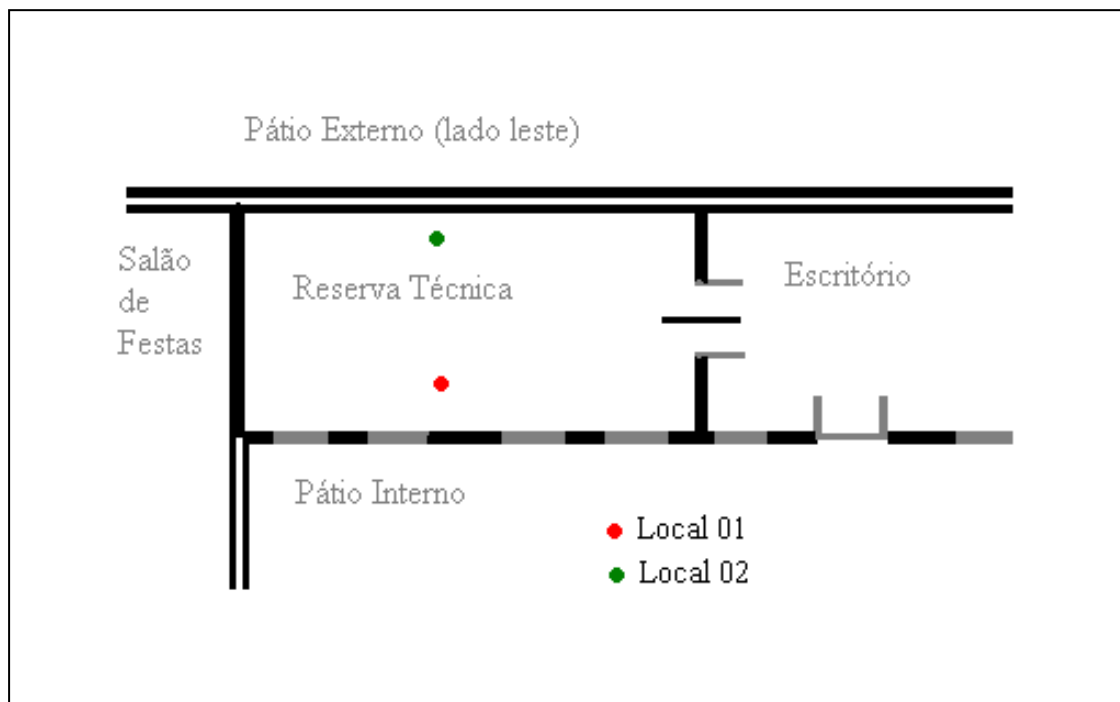


Figura 30- Planta 04: Planta Baixa da Reserva Técnica, demonstrativo dos locais de medição

(Fonte: Arquivo pessoal)



Figura 31 – Fotografia 22: Local 01, Interno
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 32 – Fotografia 23: Local 02, Interno
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 33 – Fotografia 24: Local 01, Externo
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 34 – Fotografia 25: Local 02, Externo
(Fonte: Acervo pessoal)

2.3.2 – Resultados.

Considerando as oscilações climáticas no ambiente destinado a Reserva Técnica do Museu da Baronesa, efetuamos duas análises e apontaremos nossos resultados:

Medições em 09/04/2010						
Horário	Local Geral	Local Especifico	Desumidificador, Ventilador e Lâmpada.	T	UR	Lux
08:00hs	Rua			20°C	52%	Faixa 50000 = 3500
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	19,9°C	64%	Faixa 2000 = 004
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	19,9°C	67%	Faixa 2000 = 000
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	19,9°C	69%	Faixa 2000 = 031
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	19,9°C	70%	Faixa 2000 = 012
13:00hs	Rua			24,5°C	39%	Faixa 50000 = 4500
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	23,6°C	50%	Faixa 2000 = 186
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	22,6°C	51%	Faixa 2000 = 030
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	21,9°C	58%	Faixa 2000 = 167
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	21,9°C	56%	Faixa 2000 = 016
18:00hs	Rua			20,8°C	52%	Faixa 2000 = 685
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	21,9°C	68%	Faixa 2000 = 001
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	21,8°C	68%	Faixa 2000 = 000
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	21,8°C	67%	Faixa 2000 = 024
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	21,6°C	68%	Faixa 2000 = 010

Figura 35 – Tabela 04: Medições dia 09/04/2010

(Fonte: Acervo pessoal)

Externa:

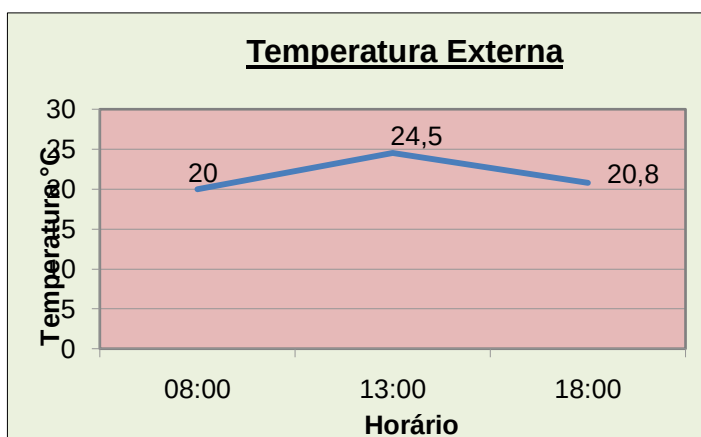


Figura 36 – Gráfico 03: Temperatura Externa

(Fonte: Acervo pessoal)

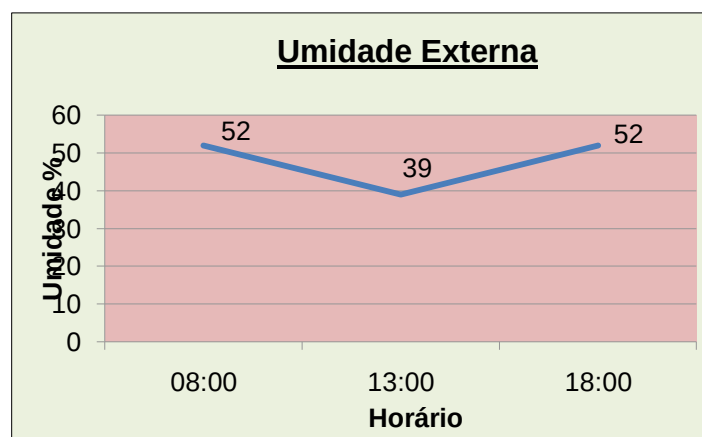


Figura 37 – Gráfico 04: Umidade Externa

(Fonte: Acervo pessoal)

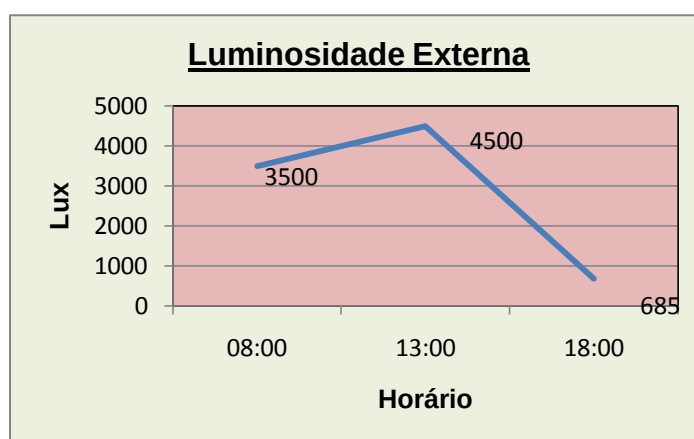


Figura 38 – Gráfico 05: Luminosidade Externa

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 03, 04 e 05 são referentes às variações externas, e foram realizados para que se compare os valores internos medidos, com os referenciados nestas representações.

Local 1

Equipamentos Desligados.

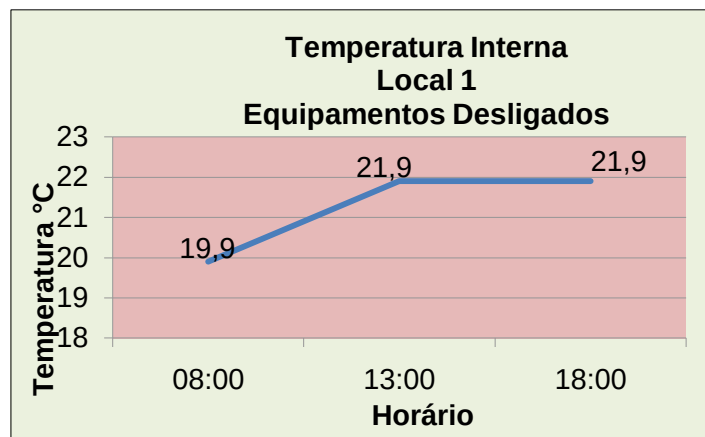


Figura 39 – Gráfico 06: T interna

(Fonte: Acervo pessoal)

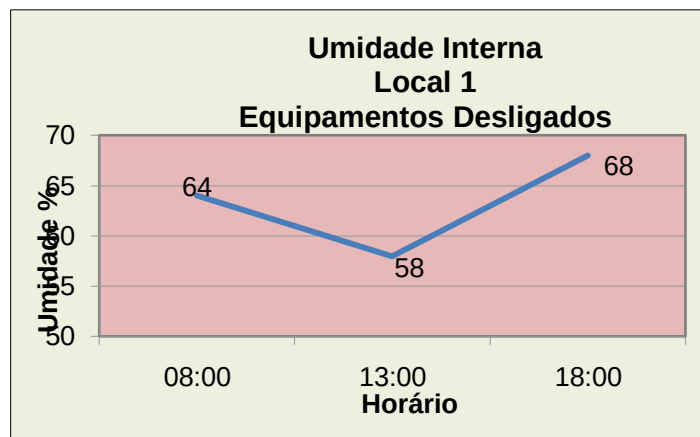


Figura 40 – Gráfico 07: UR interna

(Fonte: Acervo pessoal)

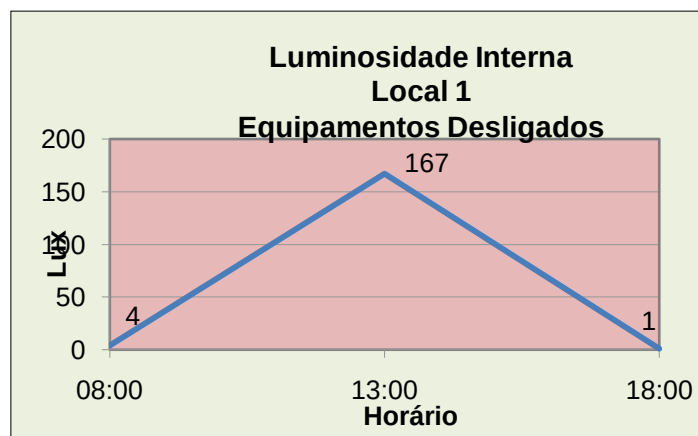


Figura 41 – Gráfico 08: LUX interno

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 06, 07 e 08 se referem ao Local 1, como explicitado a cima. Nos mesmos podemos perceber as variações de UR e T, que estão parcialmente em consonância com o conceito apresentado pela Carta Psicrométrica, afinal existe maior variação de UR do que de T entre às 13horas e às 18horas. Observamos também, o pico de incidência de Lux, mesmo com as lâmpadas desligadas no período da tarde.

Local 1

Equipamentos Ligados.

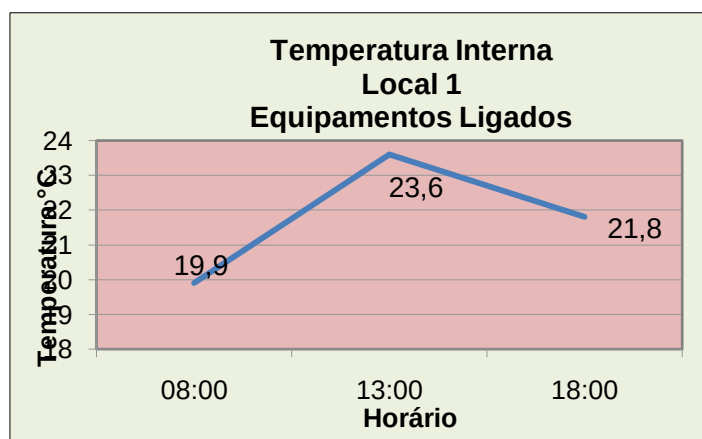


Figura 42 – Gráfico 09: T interna

(Fonte: Acervo pessoal)

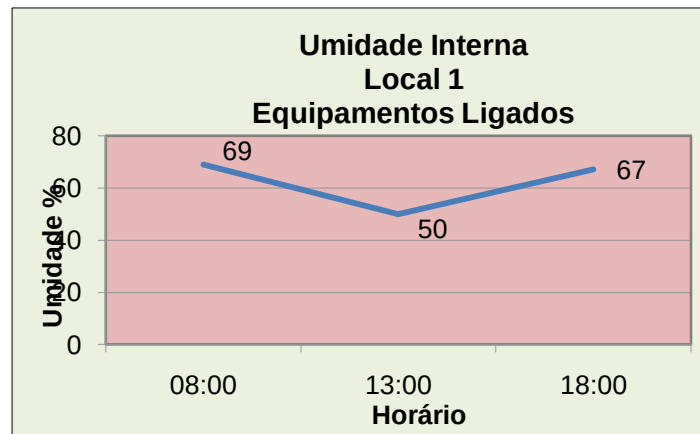


Figura 43 – Gráfico 10: UR interna

(Fonte: Acervo pessoal)

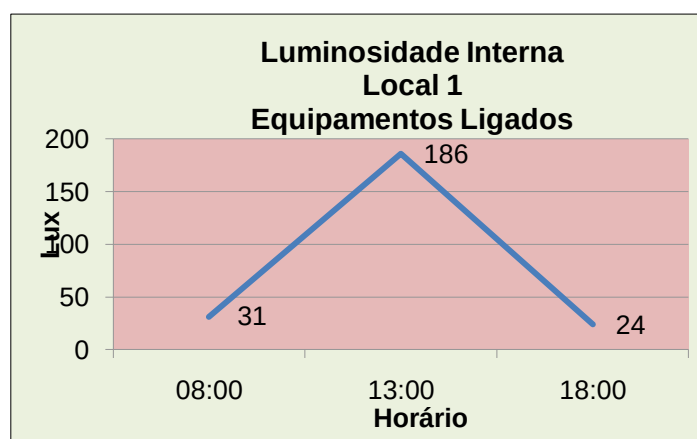
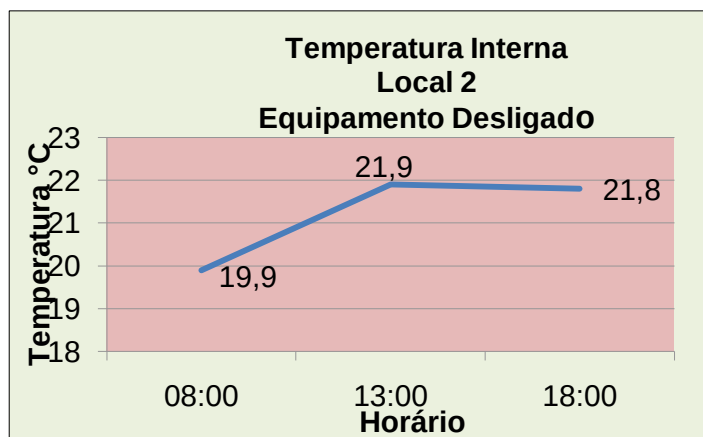


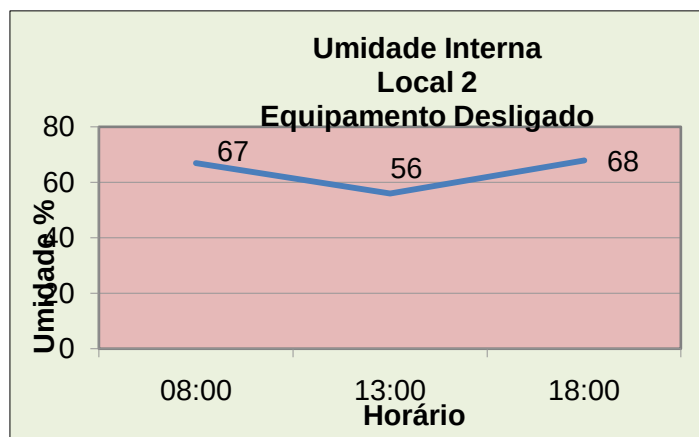
Figura 44 – Gráfico 11: LUX interno

(Fonte: Acervo pessoal)

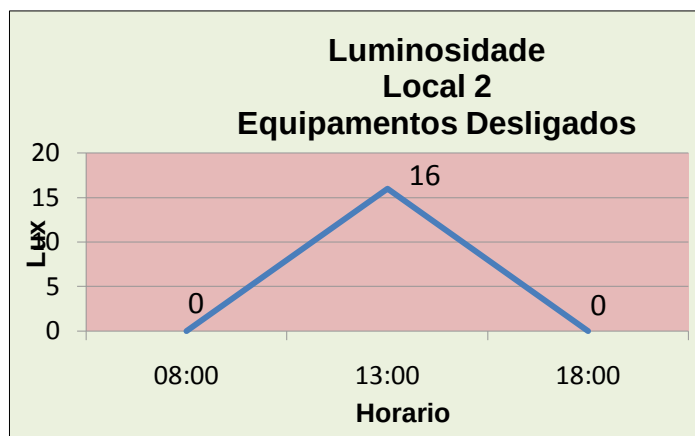
Os gráficos 09, 10 e 11 referem-se ainda ao Local 1, porém com os equipamentos ligados. Em comparação com os gráficos 06, 07 e 08, podemos observar as influências sofridas pelo ambiente quando os equipamentos são ligados, afinal ocorrem variações mais acentuadas. Podemos perceber também, o aumento considerável de Lux.

Local 2**Equipamentos Desligados****Figura 45 – Gráfico 12: T interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 46 – Gráfico 13: UR interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 47 – Gráfico 14: LUX interno**

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 12, 13 e 14 vem demonstrar os parâmetros no Local 2. Os mesmos assemelham-se com os gráficos 06, 07 e 08 no que diz respeito a variações e ao diagnóstico, que será apresentado no final deste capítulo. É possível observar que nesta localização a incidência de Lux às 8 horas e às 18 horas é nula, isto por que, o Local 2 esta na parede oposta a abertura das janelas e longe da porta.

Local 2

Equipamentos Ligados

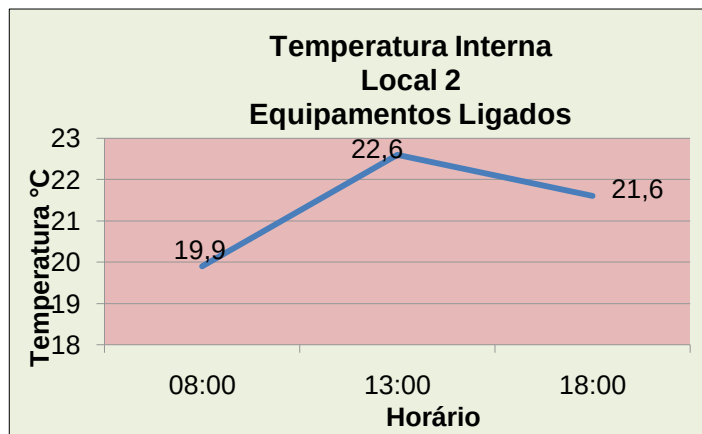


Figura 48 – Gráfico 15: T interna

(Fonte: Acervo pessoal)

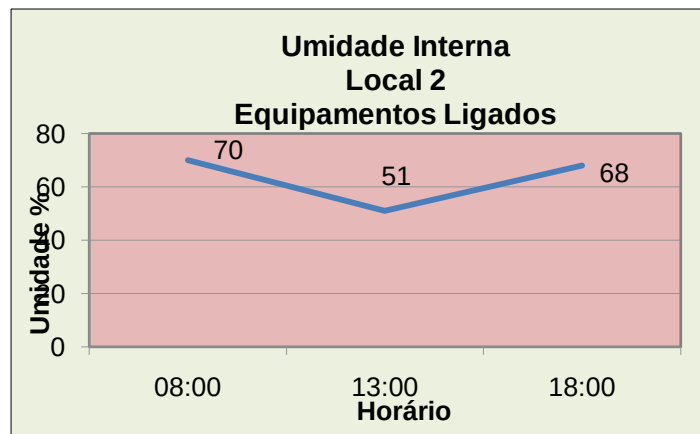


Figura 49 – Gráfico 16: UR interna

(Fonte: Acervo pessoal)

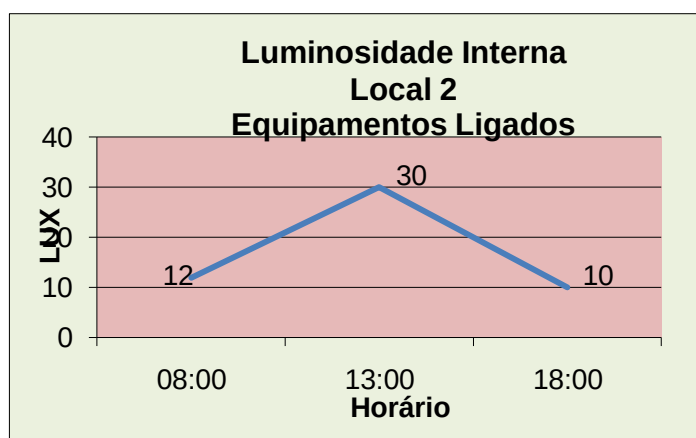


Figura 50 – Gráfico 17: LUX interno

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 15, 16 e 17 estão em consonância com os gráficos 09, 10 e 11 no que se refere à variação dos parâmetros ambientais, porém de forma mais acentuada. Ao compararmos o gráfico 17 com o 14, podemos perceber a influencia causada pelas lâmpadas no ambiente, a final, o valor é dez vezes maior, às 8horas e às 18horas, e duplica às 13horas.

Medições em 03/06/2010						
Horário	Local Geral	Local Especifico	Desumidificador, Ventilador e Lâmpada.	T	UR	Lux
08:00hs	Rua			16,1°C	66%	Faixa 50000 = 6800
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	15°C	74%	Faixa 2000 = 004
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	15°C	76%	Faixa 2000 = 000
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	15°C	84%	Faixa 2000 = 019
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	14,9°C	81%	Faixa 2000 = 008
13:00hs	Rua			20,3°C	64%	Faixa 50000 = 10.600
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	17,5C	74%	Faixa 2000 = 111
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	16,9°C	75%	Faixa 2000 = 025
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	16,6°C	79%	Faixa 2000 = 019
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	16,4°C	78%	Faixa 2000 = 017
18:00hs	Rua			17,1°C	82%	Faixa 2000 = 011
	Reserva Técnica	Local 1	Desligados	16,9°C	74%	Faixa 2000 = 000
	Reserva Técnica	Local 2	Desligados	18,1°C	74%	Faixa 2000 = 000
	Reserva Técnica	Local 1	Ligados	16,9°C	80%	Faixa 2000 = 017
	Reserva Técnica	Local 2	Ligados	16,9°C	81%	Faixa 2000 = 010

Figura 51 – Tabela 05: Medições 03/06/2010
(Fonte: Acervo pessoal)

Externa

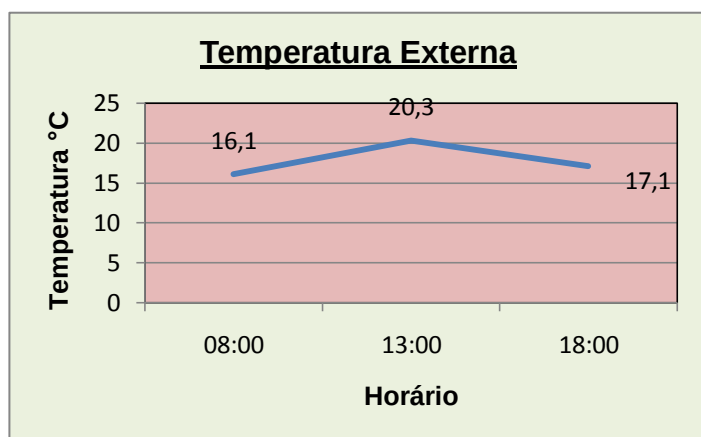


Figura 52 – Gráfico 18: T interna

(Fonte: Acervo pessoal)

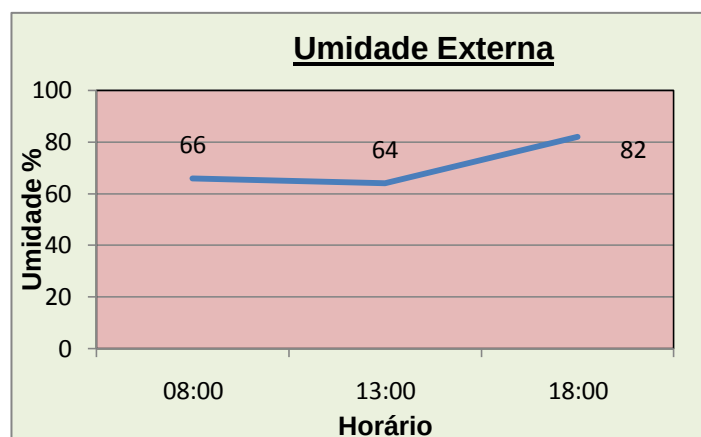


Figura 53 – Gráfico 19: UR interna

(Fonte: Acervo pessoal)

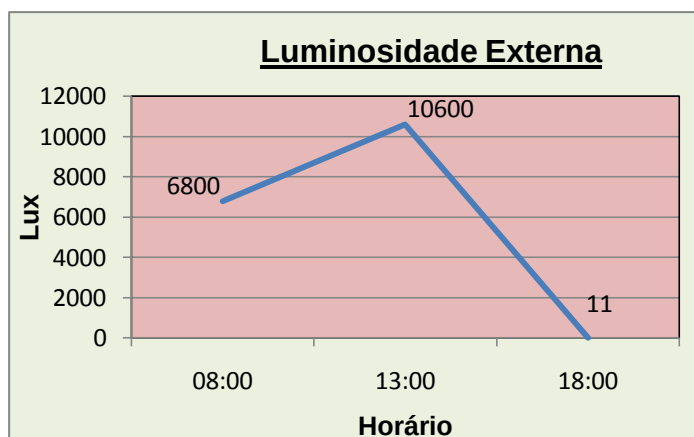
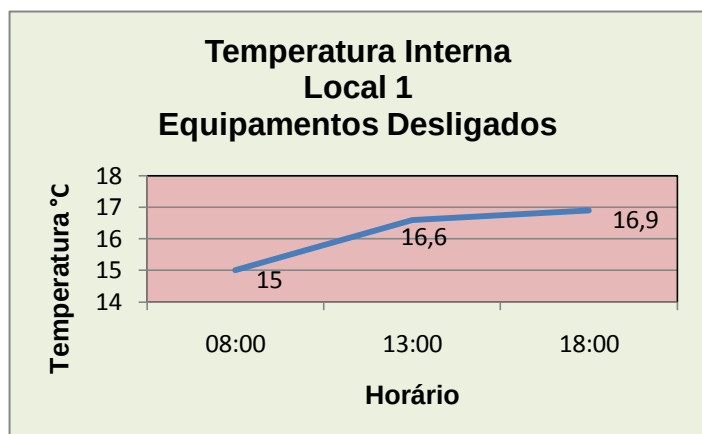


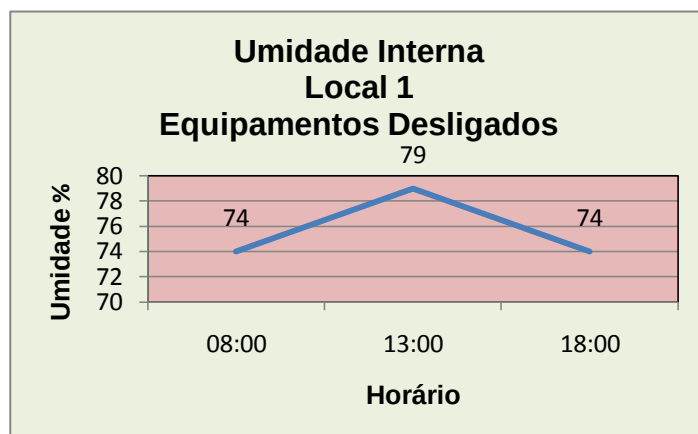
Figura 54 – Gráfico 20: LUX interno

(Fonte: Acervo pessoal)

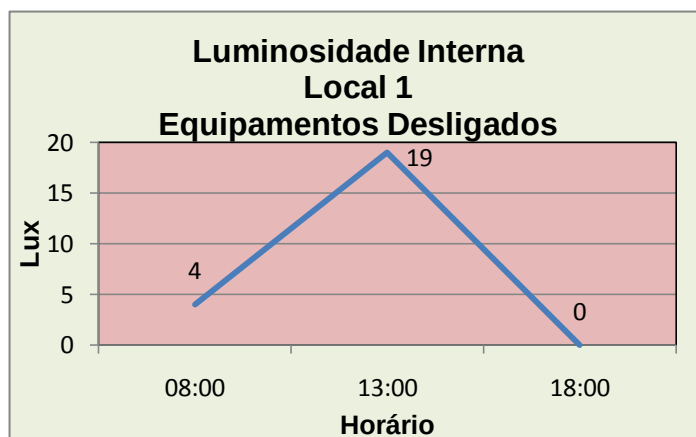
Os gráficos 18, 19 e 20 são referentes às variações externas, e foram realizados para que se comparem os valores internos medidos, com os referenciados nestas representações.

Local 1**Equipamentos Desligados****Figura 55 – Gráfico 21: T interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 56 – Gráfico 22: UR interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 57 – Gráfico 23: LUX interno**

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 21, 22 e 23 demonstram os parâmetros medidos no Local 1. Podemos perceber que diferentemente da T externa neste local existe um aumento gradativo da mesma, enquanto a UR sofre variações. O Lux no local é relativamente baixo, pois, estávamos no final do Outono e anoiteceu, neste dia, por volta das 17horas e 50minutos.

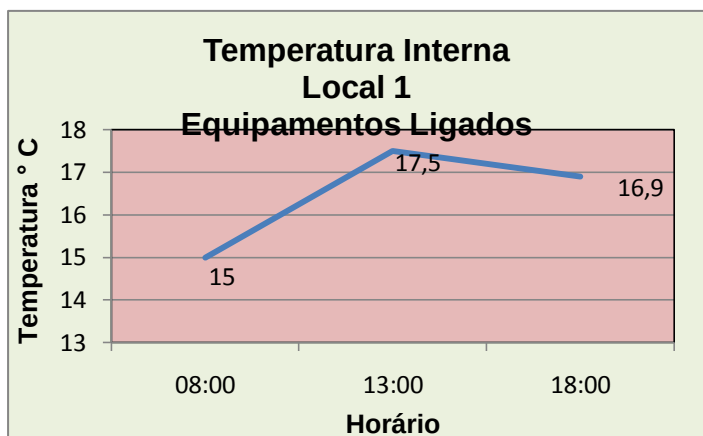
Local 1**Equipamentos Ligados**

Figura 58 – Gráfico 24: T interna
(Fonte: Acervo pessoal)

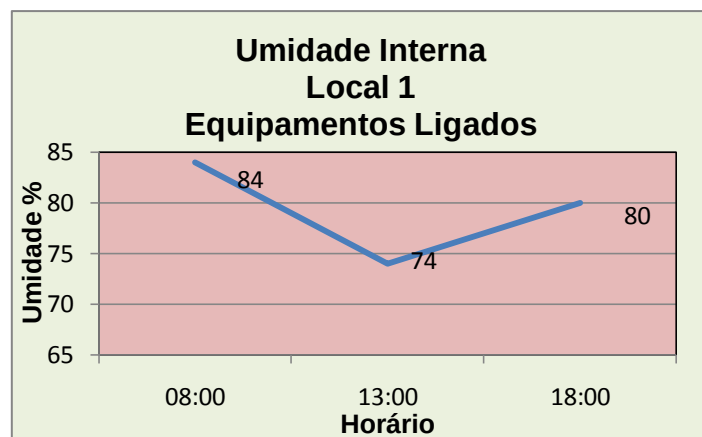


Figura 59 – Gráfico 25: UR interna
(Fonte: Acervo pessoal)

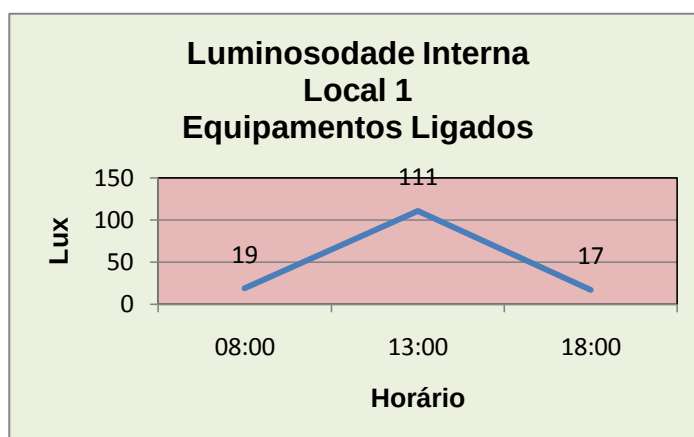
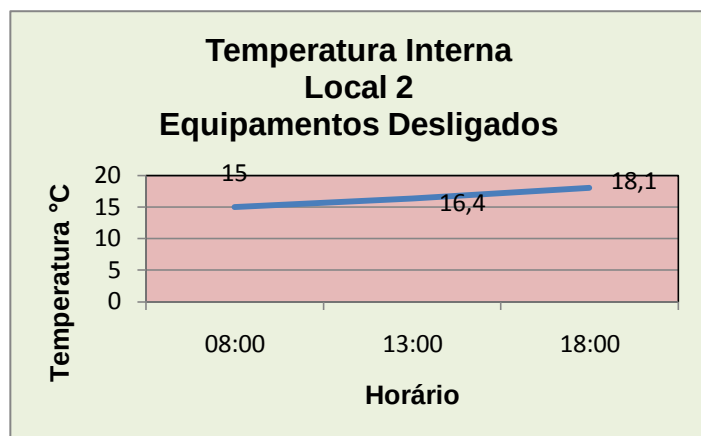
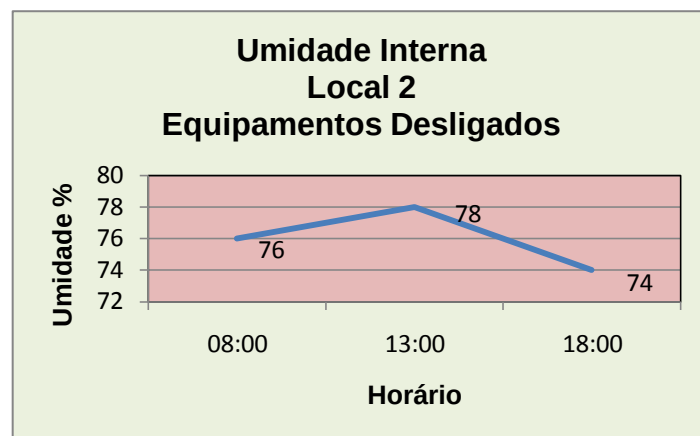


Figura 60 – Gráfico 26: LUX interno
(Fonte: Acervo pessoal)

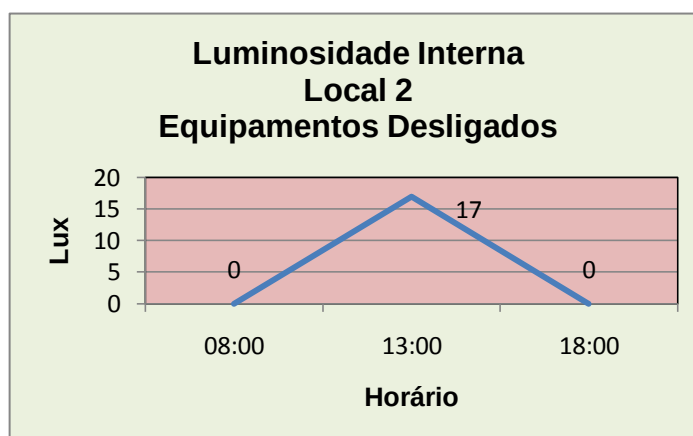
Os gráficos 24, 25 e 26 vem a comprovar, que ao ligarmos os equipamentos temos variações, indesejáveis, no ambiente. Neste local a T esta abaixo da T externa e a UR esta bem maior do que a UR externa. Observamos também os Lux às 13horas, que passa de 19 μ lm, conforme gráfico 23, para 111 μ lm.

Local 2**Equipamentos Desligados****Figura 61 – Gráfico 27: T interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

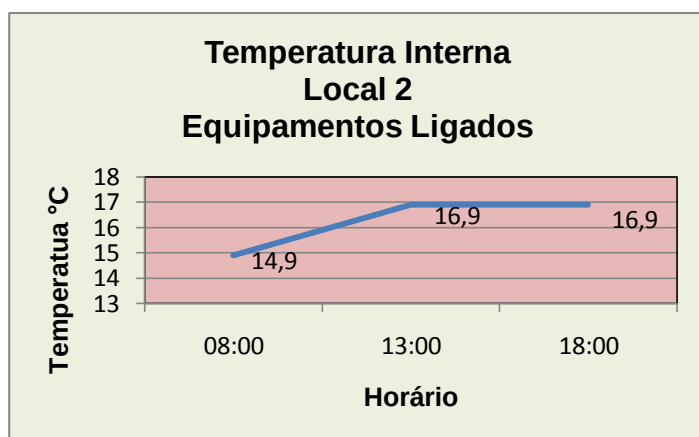
**Figura 62 – Gráfico 28: UR interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

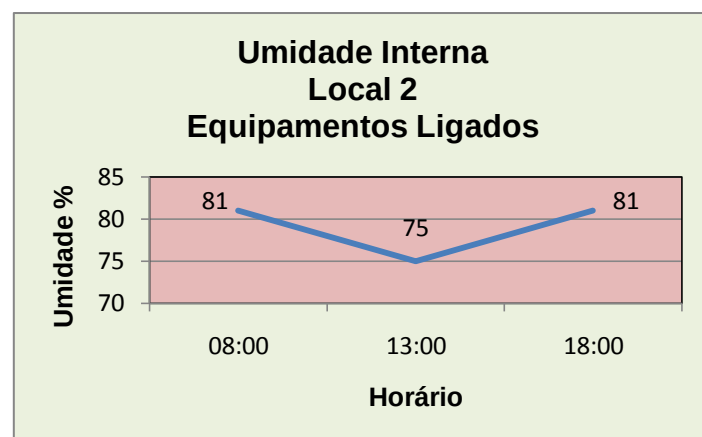
**Figura 63 – Gráfico 29: LUX interno**

(Fonte: Acervo pessoal)

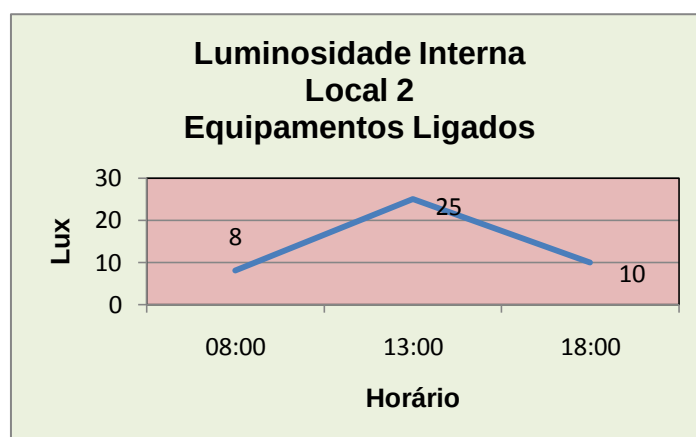
Os gráficos 27, 28 e 29 nos demonstram variações muito semelhantes as dos gráficos 21, 22 e 23. Observamos que existe um aumento gradativo de T e uma variação expressiva de UR, assim como, há também a baixa incidência de Lux.

Local 2**Equipamentos Ligados****Figura 64 – Gráfico 30: T interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 65 – Gráfico 31: UR interna**

(Fonte: Acervo pessoal)

**Figura 66 – Gráfico 32: LUX interno**

(Fonte: Acervo pessoal)

Os gráficos 30, 31 e 32 apresentam variações bruscas de UR e Lux, principalmente. Observamos que existe uma baixa muito acentuada de UR e conseqüentemente de T, porém, quando a T atinge a estabilidade, há um aumento de UR, variação esta muito prejudicial ao acervo. Em comparação com o gráfico 29, observamos a influência das lâmpadas neste espaço.

2.3.3 – Diagnóstico.

Ao realizarmos a leitura dos gráficos acima apresentados e relacionando os mesmos com os apontamentos teóricos com os quais nos deparamos no começo deste capítulo, é possível observarmos as péssimas condições de T, UR e Lux da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa.

Tomaremos como fonte de comparação o Plano de Conservação Preventiva e o Diagnóstico da LACICOR, nos quais já nos baseamos para a constituição do método de leitura. Apontaremos em tópicos as observações referentes aos espaços, e as possíveis soluções para as mesmas.

LUZ:

- A iluminação externa no espaço destinado a Reserva Técnica esta consideravelmente em boa quantidade, isto por que ao lado da mesma está plantada uma figueira que, por causa de seu tamanho, impede a incidência de luz solar;
- Para que se melhorem os índices de Lux, oriundos do espaço externo, na Reserva Técnica, é necessário a colocação de filtros U.V nas janelas;
- Aconselha-se a substituição das lâmpadas fluorescentes por incandescentes, afinal, como explicaremos a seguir, no espaço físico pode haver o aumento de temperatura. E, com tal substituição, diminuiríamos a incidência de U.V das lâmpadas nos acervos.

TEMPERATURA:

- A Reserva Técnica mostrou um comportamento muito parecido com o de uma vitrine, pois não faz trocas com o ambiente externo. E corroborou o conceito de que as relações de Umidade e Temperatura são inversamente proporcionais (OGDEN, 2001). Observamos esta relação nos gráficos 08 e 09, principalmente;
- Podemos perceber também que o prédio possui inércia térmica, afinal em ambas as medições a temperatura externa sofreu grandes alterações durante o decorrer das 10hs, variação de 4,2°C, em contra partida o macroclima da Reserva Técnica sofreu mudanças muito pequenas, variação de 1,6°C. Por

tal motivo afirmamos a possibilidade de um aumento na temperatura interna, influenciada pela troca das lâmpadas;

- Observamos que a variação de temperatura no Local 1 é maior que no Local 2, em ambas medidas. Fato influenciado, provavelmente, pela localização dos desumidificadores e pelas aberturas (janelas) para a rua.

UMIDADE:

- Após leitura dos resultados, pode-se perceber que a media de UR da Reserva Técnica encontra-se em 84%, valor totalmente inaceitável, observamos também que a umidade externa é mais apropriada para a conservação dos artefatos ali acondicionados do que a interna;
- Provavelmente esta concentração de umidade se dá motivado pela influencia do lençol freático da propriedade que, por ser muito alto, fica mais próximo da construção;
- Sugerimos: a realização de circulação de ar com ambiente externo, pois esta medida pode auxiliar na diminuição da umidade; os dois desumidificadores não estão trabalhando conforme o esperado, a solução seria a compra de um terceiro desumidificador e a manutenção periódica dos mesmos; outra solução, em curto prazo, é a utilização de Sílica Gel em pequena quantidade colocada próximo aos acervos no armário em módulo e estante;
- Como demonstrado no inicio deste capítulo o melhor ambiente para os acervos é aquele estável (PEARSON, 2001), seguindo este conceito e observando a utilização dos desumidificadores, torna-se necessário que não se desligue mais tais equipamentos, pois a variação de umidade, vista nos gráficos, se dá de forma brusca quando isto ocorre; É importante observar também que sempre tem UR no espaço destinado a Reserva Técnica e, a nosso ver, seria melhor deixar os equipamentos sempre desligados;
- Outra necessidade a ser realizada em curto prazo, é definir as variações máximas de UR que o acervo pode alcançar, considerando os tipos de materiais que compõem o mesmo.

Se, após um estudo detalhado, se verificar a necessidade de proceder a modificações ambientais, estas devem realizar-se de forma gradual, evitando variações bruscas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de Coleta de Dados e da escrita, percebemos que as análises propostas durante o Projeto de Monografia não seriam suficientes para que pudéssemos conhecer a Reserva Técnica em toda a sua amplitude. Porém, para os fins dessa pesquisa, os procedimentos aplicados foram os mais plausíveis de serem realizados levando em consideração os fatores tempo e materiais necessários. Somado a isso entendemos que, para o escopo do nosso trabalho, este estudo tem um caráter ainda inicial, devendo ser expandido em outro momento no futuro. É importante deixar claro que a eficácia do controle ambiental passa necessariamente pela qualidade dos dados recolhidos. A nosso ver, nesse sentido, torna-se conveniente o decorrer de, ao menos, um ano de recolha de dados, antes de se estabelecerem valores definitivos e ações em longo prazo.

Um fator importante, observado durante a leitura dos dados obtidos, é a variação de resultados encontrados nos dois dias de medição. No dia 09/04/2010, início do Outono, temos um clima totalmente diferente do dia 03/06/2010, final do Outono. Isto corrobora o exposto acima, no que diz respeito ao tempo necessário de análise.

Este trabalho baseou-se, sobre tudo, na análise *in locu*, ou seja, nas medições realizadas no local de pesquisa. Sem sombra de dúvida a leitura realizada sobre os resultados obtidos foram importantes, pois, possibilitaram mapear as reais necessidades em que se encontra a Reserva Técnica e, além disso, exemplifica os problemas que podem ocorrer com os acervos musealizados, quando não levamos em conta a localização geográfica da instituição e a forma de construção deste espaço. Elucidam também, as dificuldades enfrentadas por instituições que são instaladas em prédios antigos e tombados, problema este enfrentado pela grande maioria dos museus públicos.

É importante enfatizar que, durante a pesquisa nos deparamos com alguns questionamentos sobre o método a ser utilizado, afinal os métodos já estruturados se distanciavam das necessidades locais. Por tal motivo, além de considerarmos as precisões e especificidades de Pelotas, optamos por criar um método, utilizando como base os já existentes.

Diferentemente das primeiras hipóteses lançadas, as influências externas e oscilações vão muito além de meros ajustes de temperatura, pois toda a estrutura de

construção da casa, a vegetação ao redor, as vias de escoamento de águas da chuva, o lençol freático e etc, estão intimamente ligados ao macroclima interno.

Corroboramos, através da pesquisa, a hipótese de que a Reserva Técnica não é estável, afinal é possível observar, nos gráficos apresentados, as variações de umidade, temperatura e lux durante um mesmo dia de medições. Este fato é determinante no que tange os acervos ali acondicionados, pois vai de encontro aos conceitos básicos que visam à integridade dos artefatos.

É possível observar também algumas incoerências, no que diz respeito à manutenção dos equipamentos utilizados na Reserva Técnica. Entendemos que algumas ações poderiam ser realizadas para preservar o ambiente, como: a manutenção periódica dos desumidificadores e ventiladores, e a troca das lâmpadas queimadas na Reserva Técnica. Outro fator a ser observado, é o caso de a instituição, única em Pelotas que possui Reserva Técnica, não possuir nenhum equipamento de medição e controle dos parâmetros ambientais existente em Reserva ou em Exposição.

A partir do exposto acima, observamos que seria importante que o Museu Municipal Parque da Baronesa admitisse uma política de manutenção e salvaguarda da Reserva Técnica e dos equipamentos lá encontrados, além da aquisição de, no mínimo, um Termohigrômetro para o monitoramento da mesma. Pois assim, a instituição poderá estabelecer um programa de soluções sustentáveis e apropriadas para a mesma.

Sobre o Museu Municipal Parque da Baronesa, é importante pensarmos que durante 28 anos o mesmo passou por diversas mudanças estruturais, no que diz respeito a seu acervo. Foi possível, ao longo desta pesquisa, perceber a intenção do mesmo em preservar tanto o acervo, quanto o espaço físico, sendo através de consultoria, como a realizada em 2001, ou de projetos, como o Projeto de Revitalização em 2006. Portanto, não podemos simplesmente “esquecer” sua trajetória, seja a mesma visando o público ou a manutenção de seus espaços, e partir para planos “inovadores” que, provavelmente, mais degradarão os acervos do que conservarão.

FONTES PRIMÁRIAS:

Análise de documentos administrativos:

- Planta Baixa da Instituição;
- Planta Baixa da Propriedade;
- Termo de Tombamento da Casa;
- Registro do Imóvel.

Entrevistas:

- Annelise Costa Montone, diretora do Museu Municipal Parque da Baronesa, por email no dia 25/05/2010;
- Nórís Mara Pacheco Martins Leal, professora da Universidade Federal de Pelotas, por email no dia 23/05/2010.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEXANDER, Edward P. (Edward Porter), 1907 – “Museums in motion: an introduction to the history and functions of museums” / Edward P. Alexander and Mary Alexander. – 2nd ed.
- ALMEIDA, Cícero A. F. “Museus, instrumentos de memória”. Artigo. In: “Áreas de atuação”. 47 – 51. s/a.
- BITTENCOURT, José Neves. “Sobre uma política de aquisição para o futuro”. In: Cadernos Museológicos n.3, Secretaria de Cultura – IBPC, out., 1990. pag. 29-37.
- BRUNO, M.C.O. “Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças”. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia; São Paulo, 6: 293 – 313, 1996.
- CADERNO de DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS I. 2ª. Ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN / DEMU; Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus. 2006.
- CARDOSO, Rafael. “Coleção e construção de identidades: Museus brasileiros na encruzilhada”. Artigo. Publicação 2003. In: Coleção, Museus e História. 183 – 195. 2003.
- CHENIAUX, Violeta. “A formação do museólogo no controle da luz e da umidade para a preservação e conservação de acervos: um estudo a partir de museus da Fundação de Artes do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, 1991. 270 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Centros Culturais) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, 1991. Orientadores: Arno Wheling, Ana Maria Bianchini Baeta.
- COSTA, Evanise P. “Princípios básicos da museologia”. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 100p.
- CRADDOCK, Ann B. “Controle de temperatura e umidade em acervos pequenos”. In. “Conservação: Conceitos e Práticas”/ Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera L. Ribeiro, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO: Modelo proposta para avaliar as necessidades do gerenciamento ambiental dos museus. Laboratório da Ciência da Conservação. UFMG, 1999.
- EDUSP. Série Museologia: “Roteiros Práticos 5”, Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 154 p. 2004.
- EDUSP. Série Museologia: “Roteiros Práticos 9”, Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 224 p. 2005.
- ESTATUTO DOS MUSEUS – ICOM - Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.
- FEPAM. Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler. Mapa de Classificação dos Solos do Estado do Rio Grande do Sul quanto à Resistência a Impactos Ambientais. Porto Alegre: FEPAM. 13 p. (n.publ.) Relatório final de consultoria elaborado por Nestor Kämpf. Mapa em meio digital. 2001.
- FRIEDMAN, Alan J. “Museus e Comunidades: porque a cidade de Nova York tem 89 museus de arte, história e ciência”. In GUIMARÃES, V.F.; SILVA, G.A. (org.).

- Implantação de Centros e Museus de Ciências. Rio de Janeiro: UFRJ/PADEC, p. 208 – 218, 2002.
- FRONER, Yacy-Ara. “Reserva Técnica”. In *Tópicos em Conservação Preventiva* 8. Belo Horizonte: LACICOR, EBA, UFMG, 2008. 24 p.
- GIL, Antonio Carlos: “Como elaborar um projeto de pesquisa” – 4. ed. – 12. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.
- HILBERRY, John D. “The Building Design and Construction Process”. Washington, D.C.: The Commission on Preservation and Access, 1995. In: FRONER, Yacy-Ara. “Reserva Técnica”. In *Tópicos em Conservação Preventiva* 8. Belo Horizonte: LACICOR, EBA, UFMG, 2008. 24 p.
- HOBBSAWM, Eric. J., 1917 – “Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade” / E. J. Hobsbawm; [tradução: Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino]. – Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.
- ISABELLE, Arsène. “Emigração e Colonização”. In MAGALHÃES, Mário Osório. “Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)”. Pelotas: Editora da UFPel/ Livraria Mundial, 1993.
- KING, Steve e PEARSON, Colin. “Controle Ambiental para instituições culturais: planejamento adequado e uso de tecnologias alternativas”. In. “Conservação: Conceitos e Práticas” / Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera L. Ribeiro, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- LEAL, Noris Mara Pacheco. *Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal, 1982-2004*. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- LOPES, Maria Margaret. “AS Ciências Naturais e Os Museus no Brasil no Século XIX”. Orientadora: Prof. Dr. Maria Amélia Mascarenhas Dantes, 1993, 361 p. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.
- LOUSADA, Ana Maria. “Conservador e Museólogo: Abordagem de Conceitos”. *Cadernos de Sociomuseologia*. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, vol. 1, 1993. Pág. 29 – 32.
- LUGLI, Adalgisa. “Naturalia ET Mirabilia: collections encyclopédiques des cabinets de curiosités”. Paris: Adam Biro, 1998. In: POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. “Classificar e Ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural”. Págs. 151 – 162.
- MAGALHÃES, Mário Osório. “Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)”. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993. (124p.)
- MATERO, Frank. “Ethics and policy in conservation”. *GCI Newsletter*, Los Angeles, v. 15, n.1, p. 5-9, spring 2000.
- MILL, J.S; “Utilitarianism, Liberty and Representative Government”. Ed. Popular; Londres, 1910; pág. 359 – 366. In: HOBBSAWM, Eric. J., 1917 – “Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade” / E. J. Hobsbawm; [tradução: Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino]. – Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

- MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN. “Política Nacional de Museus”. Brasília, 2003.
- MOURA, Daniel de; FONSECA, Daniele; BRENNER, Jaqueline; PINTO, Marília; NAVARRETE Santiago. “Avaliação de Conforto Térmico em Edificação Escolar: o caso do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Vale do Caí em Feliz/RS”. Artigo. Escola de Engenharia da UFRGS.
- OGDEN, Sherelyn. “Armazenagem e Manuseio”; 2ª Ed; Rio de Janeiro; Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, p. 41, 2001.
- OSÓRIO, Fernando. “A Cidade de Pelotas, Corpo, Alma e Razão”; Diário Popular; Edição do Centenário, Governo Municipal; Pelotas; Rio Grande do Sul; 1922.
- PEARSON, Colin. “Preservação de acervos em países tropicais”. In. “Conservação: Conceitos e Práticas” / Organização de Marylka Mendes; tradução de Vera L. Ribeiro, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- PENHA, Denise Hamú de La. “O Papel dos Museus Antropológicos no Brasil”l. Caderno de Ensaio/ IPHAN, Rio de Janeiro, n. 2, p. 29-40, 1994.
- POMIAN, K. “Coleção”. Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História. Porto. Imp. Nac. casa da Moeda. 1984.
- RHEINGANTZ, Carlos G. “Povoamento do Rio Grande de São Pedro. A contribuição da Colônia de Sacramento”. In. Anais comemorativos do bicentenário da restauração do Rio Grande. II vol. p. 09.
- RIBEIRO, Diego Lemos. “O Museu Nacional e a Musealização do Objeto Arqueológico: Especificidades de um Museu Nacional de Ciências”. Orientador: Prof. Dr. José Mauro Matheus Loureiro, 2004, 67 pág. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO
- SOARES, Márcia Fernandes Portela. “O que os olhos não vêem: reservas técnicas museológicas na cidade do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, 1998. 109 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, 1998. Orientadora: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.
- TEMAS DE MUSEOLOGIA. “Plano de conservação preventiva: Bases orientadoras, normas e procedimentos”. Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal. 1ª Ed. 2007.
- VARINE, Hugues de. “Repensando o conceito de museu”. In: GJESTRUM, John Aage; MAURE, Mare. Okosmuseumboka. Noruega: s/e. 1988. p33.
- ZAMORANO, Rafael. Apresentando o Museu Histórico Nacional. In “Anais do Museu Histórico Nacional”. Vol.38, Rio de Janeiro. 2006.

Cartas Patrimoniais:

Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972;

Declaração de Quebec, 1984.

Endereços Eletrônicos:

http://www.pampasonline.com.br/tradicao/tradicao_revolucaofarroupilha.htm em 12/05/2010 às 23h35minhs;

<http://www.ipcc.ch/pdf/technical-papers/climate-changes-biodiversity-sp.pdf> em 13/05/2010 às 04h07min;

<http://www.cpact.embrapa.br/agromet/> em 13/05/2010 às 04h30min;

<http://www1.museus.gov.br/> em 24/05/2010 às 03h26min;

<http://www.mundi.com.br/Wiki-Pelotas-2712973.html#Geografia> em 29/05/2010 às 19h;

<http://www.icom.org.br/> em 29/05/2010 às 19h50min;

http://educaterra.terra.com.br/voltaire/especial/home_rev_francesa.htm em 01/06/2010 às 20hs;

<http://www.brasilecola.com/historiag/iluminismo.htm> em 01/06/2010 às 21hs;

<http://www.revistamuseu.com.br/> em 02/06/2010 às 23h30min;

http://www.pelotas.com.br/baronesa/historia/historia_pelotas.html em 25/04/2010 às 22h;

<http://pelotas.ufpel.edu.br/> em 26/04/2010 às 20h32min;

<http://www.museuhistoriconacional.com.br/reservatecnica> em 12/06/2010 às 02h56min.

ANEXOS:

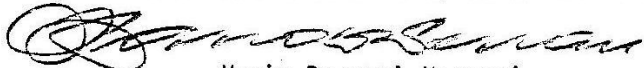
Anexo 01:



Livro n.º 2 - Registro Geral

Pelotas, 10 de dezembro de 1980

Fls.
1Matrícula
10.583

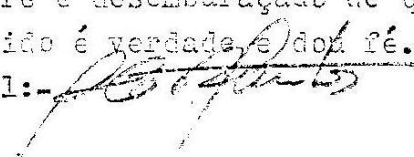
IMÓVEL: UMA ÁREA DE TERRAS, situada nesta cidade, no quarteirão formado pela Avenida Domingos de Almeida, Avenida São Francisco de Paula, Avenida Ferreira Viana e Rua Barros Cassal, parte integrante do todo conhecido como "Chácara da Baroneza" e, também, como "Parque Anibal" e "Asilo Bom Pastor", com as seguintes metragens e confrontações: partindo da esquina formada pela Avenida São Francisco de Paula e Avenida Domingos de Almeida, ao norte, na direção leste-oeste, mede cento e noventa e cinco metros e cinquenta e cinco centímetros (195,55m) de frente pelo alinhamento predial da Avenida Domingos de Almeida; aí toma a direção sudoeste e segue por uma linha reta que parte do alinhamento predial da referida Avenida Domingos de Almeida e que mede trinta e um metros e sessenta e cinco centímetros (31,65m); daí inflete em direção oeste e segue por uma linha reta que mede nove metros e oitenta e cinco centímetros (9,85m), para aí fazer novamente canto em direção sudoeste e seguir por uma linha reta com a extensão de cento e oitenta e sete metros e cinquenta centímetros, para, nesse ponto, fazer canto em direção oeste-leste, numa extensão de duzentos e setenta e seis metros e trinta e sete centímetros (276,37m), em linha reta, formando a divisa dos fundos, no sul, onde entesta com propriedade da Chácara da Baroneza Empreendimentos Imobiliários Limitada; e medindo duzentos e trinta e um metros e vinte centímetros (231,20m) de extensão pelo alinhamento predial da Avenida São Francisco de Paula pela face leste, formando esquina; esse imóvel se divide ou confronta ao oeste com propriedade de Dora Rosa da Cruz e outros e possui no seu interior dois prédios de alvenaria, sendo um na frente, com dois pavimentos e outro no centro do terreno, com um só pavimento, com todas as demais benfeitorias, construções, instalações e respectivas dependências, tudo cadastrado na Prefeitura Municipal sob os números 1.470, 1.490 e 1500. PROPRIETÁRIA: CHÁCARA DA BARONEZA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LIMITADA, firma brasileira, com sede e fôro jurídico na cidade do Rio de Janeiro-RJ, à Rua da Assembleia 58, 5º andar, inscrita no CGCMF sob número 42.593.517/0001-81. REGISTRO ANTERIOR: Matrícula número 6.027 de 26 de maio de 1.978, neste Ofício. O Oficial 
Cr\$101,00 Mario Pazutti Mezzari

R.1-10.583 - Pelotas, 10 de dezembro de 1.980. TRANSMITENTE: CHÁCARA DA BARONEZA

... segue no verso ...

seu sócio gerente Leopoldo Antunes Maciel. ADQUIRENTE: NOME DO ADQUIRENTE -- -- -- -- --
 apresentado no ato por seu Prefeito, Dr. Irajá Andara Rodrigues, brasileiro, casa-
 do, advogado, residente e domiciliado nesta cidade, devidamente autorizado pelas
 leis municipais números 2.386 de 05 de dezembro de 1.977 e 2.391 de 15 de dezem-
 bro de 1.977, mencionadas na escritura. TÍTULO: DOAÇÃO. FORMA DO TÍTULO: Escritu-
 ra Pública número 2.297/077 lavrada aos 03 de julho de 1.978, pelo Segundo Tabeli-
 onato desta Comarca. VALOR: a doação é feita gratuitamente, sendo dado para os e-
 feitos de direito o valor de Cr\$500.000,00. CONDIÇÕES: 1- A área da doação desti-
 na-se a ser utilizada exclusivamente como PARQUE PÚBLICO, a ser urbanizado pelo
 Município de Pelotas. 2- restauração, por conta exclusiva do Município de Pelotas
 do edifício principal na área objeto da doação. 3- desapropriação de toda a área
 que constitui os imóveis com frente pela Avenida Domingos de Almeida sob os núme-
 ros 1.198, 1.222, 1.232, 1.238, 1.246, 1.254, 1.262, 1.288, 1.318, 1.326, 1.334 ,
 1.334-A, 1.340, 1.346 e 1.354, os quais passarão a integrar o imóvel ora doado. 4-
 afetação do imóvel doado, tornando-o bem de uso público, com a denominação de
 "PARQUE DA BARONEZA DE TRÊS SERROS". Demais condições na forma da escritura. O Ofi-
 cial  Cr\$721,00

Mario Pazutti Mezzari

Certidão: Certifico, que o imóvel descrito na matrícula supra(10.583)
 acha-se livre e desembaraçado de qualquer ônus real, cláusula ou grava-
 me.-O referido é verdade, e dou fé.-Pelotas-RS, 19 de março de 1.982.-
 O Suboficial: 

AUTENTICAÇÃO

Certifico a Lei 12 que a presente fotocópia
 cópia autêntica do arquivo deste Cartório.

Pelotas, 19 MAR 1982 de

Oficial: Mario Pazutti Mezzari
 Suboficial: Aureo Carlos Pinto Santos

REGISTRO DE IMÓVEIS

Oficial: Dr. Mario Pazutti Mezzari

Suboficial: Aureo Carlos Pinto Santos

1.º ZONA 2.º ZONA 3.º ZONA

Anexo 02:



PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS

TERMO DE TOMBAMENTO

O CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL - COMPHIC, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 2.708 de 10 de maio de 1.982, diante da REVOCAÇÃO DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR PREFEITO DOUTOR BERNARDO OLAVO GOMES DE SOUZA, resolve proceder o TOMBAMENTO DEFINITO da Chácara da Baronesa, localizada no centro de um parque de 6,2 ha, na zona periférica da cidade, que serviu de residência permanente do casal Aníbal Antunes Maciel e Amélia Hartley - Barões de Três Serros-, em meados do século passado.

A casa tradicional é composta de um andar e mirante, distribuído em dois picos, com fachada de áreas planas e pátio interno. Além desta existe uma outra casa de construção mais recente localizada junto ao pórtico de entrada.

As duas residências e todo este conjunto inclusive o mobiliário original, foram doados pela família Maciel à Prefeitura Municipal de Pelotas, que se comprometeu em urbanizar o parque e transformar a residência em museu.

O jardim é de traçado neo-clássico com componentes formando um conjunto arbóreo exótico e nativo ímpar na cidade. Ainda é marcante o alinhamento de pilares encimados por globos ao longo do jardim, definindo o acesso principal. Também compõem o espaço da paisagem um chafariz, uma gruta de cimento, um castelinho, uma torre anexa à casa onde funcionava a banheira e a caixa d'água e dois lagos. Contorna a área, em parte, um muro com características neo-clássicas, onde aparecem um portão pela Av. Domingos de Almeida e outro pela Av. São Francisco de Paula com gradil de ferro e pilares encimados por globos.

E, para que surta seus jurídicos efeitos, lavrou-se o presente termo.

GABINETE DO PREFEITO DE PELOTAS, EM 03 DE JULHO DE 1.985.

[Assinatura]
Presidente do COMPHIC

[Assinatura]
BERNARDO OLAVO GOMES DE SOUZA
Prefeito